

CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA ENTRE ERÓTICA E ENGAJAMENTO POLÍTICO: UMA QUESTÃO POLÊMICA

Vera Lúcia Dietzel*

Resumo: A partir de exame bibliográfico, perspectiva interdisciplinar e observação empírica, este estudo pretende, dentro do contexto latino-americano (Brasil e América Hispânica) das ditaduras militares, discutir algumas das possíveis relações entre temas polêmicos como o feminismo, crítica literária feminista e engajamento político, debatidos em certos setores da mídia e refletidos em obras literárias. Textos da argentina Marta Pynch, da costaricense Ana Istarú e das brasileiras, Zulmira Ribeiro Tavares, Ana Cristina César e Clarice Lispector surgem como representativos dos seguintes temas: eros e poder; corporeidade, intimidade, provocação e rebelião política. As funções da literatura e da mídia, assim como o papel do escritor na sociedade, claros em determinados momentos, permanecem, quase sempre, fonte de polêmica.

Abstract: By means of bibliographical research, multidisciplinary approach and empirical analysis, the aim of the present article is (within the Latin American context of military dictatorships), to try to establish some of the possible relationships between controversial areas such as the feminism, feminist literary criticism and political engagement, which are reflected on certain media sectors and on literary works. Texts of Marta Pynch from Argentina, Ana Istarú from Costa Rica, and Zulmira Ribeiro Tavares, Ana Cristina César and Clarice Lispector, from Brazil, appear as representative for the following topics: eroticism and power; corporeity, intimacy and political rebellion. The functions of literature and of the media, as well as the role of the writer in society, although clear at certain moments, remain highly controversial.

Palavras-chave: feminismo; engajamento político; crítica literária feminista; erótica e poder; Marta Pynch; Ana Istarú; Zulmira Ribeiro Tavares; Ana Cristina César; Clarice Lispector

Key-words: feminism; political engagement; feminist literary criticism; eroticism and power; Marta Pynch; Ana Istarú; Zulmira Ribeiro Tavares; Ana Cristina César; Clarice Lispector

* Ludwig-Maximilians-Universität, Munique, Alemanha

C'è chi ti urla che sei bella
Che sei una fata, sei una stella
Poi ti fa schiava, però no
Chiamarlo amore non si può
Edoardo Bennato, "La fata" (In: *Burattino senza fili*, 1977)

1. Introdução

O fenômeno da "querela" ou da "polêmica" é uma das constantes na história da literatura (cf. Curtius, 1993, p. 256-261). A noção dos escritores do passado como Pais e Mestres nem sempre norteou os escritores novos. Ernst Robert Curtius em sua *Literatura européia e Idade Média latina* explica no "Epílogo" sob a questão da "Continuidade" que o objetivo de assegurar a transmissão de uma tradição é, na realidade, ilusório (no original alemão: 1993, p. 395-400). Curtius (1993) acredita na tradição literária européia como parte fundamental da consciência da identidade pessoal. A tradição sofre transformações, renova-se. Lamentavelmente, grande parte tanto da antiguidade grega como da latina se perdeu. O próprio material onde textos são escritos não são imunes à destruição do tempo. Muito do que se conseguira guardar com o passar dos anos e dos séculos foi destruído durante a Segunda Guerra Mundial.

A escola, ainda nas palavras de Curtius (1993), exerce uma censura em nome do "bom gosto", bastante semelhante à imposição de regras morais. Curtius defende o estudo da tradição literária sem barreiras, sem censura, sem uma pré-determinação judicatória do que é "nobre" e do que é "desprezível". A liberdade da criação literária tem sido, no entanto, repetidas vezes ameaçada, reprimida pelas sombras terríveis dos poderes inquisitoriais e pelo sistema de censura dos regimes.

Quando, na década de setenta, o movimento feminista é recepcionado na América Latina, governos ditatoriais dominam grande parte do cenário político. Portanto, o intuito de conquistar a equiparação dos direitos políticos e sociais de ambos os sexos, no lado de baixo do Equador, nasce não só de uma reação ao caráter opressivo da sociedade patriarcal como em resposta à atitude repressiva dos regimes. A recepção das teorias pós-estruturalistas, nos anos oitenta, e com elas o "neo-feminismo" de Luce Irigaray, Hélène Cixous e Julia Kristeva, parece, segundo Galster (1997), estar se impondo na América Hispânica, "*aunque su oportunidad estratégica no es obvia en los países del llamado Tercer Mundo*" (p. 113). Galster (1997) defende a tese de que o debate feminista na América Hispânica, nos anos noventa, ainda se vê predominantemente caracterizado pelos seus primórdios marxistas militantes dos anos setenta, negando uma concepção do "feminino" independente de fatores

sócio-histórico-culturais. O caráter quase vertiginoso do processo poderia explicar a transitoriedade de certos posicionamentos frente ao feminismo e à crítica feminista literária, contribuindo, conseqüentemente, a colocar em dúvida o teor de representatividade de diferentes autoras, que militantes nos primórdios do movimento, mostram-se mais comedidas nos anos noventa (GALSTER, 1997, p. 100).

O presente estudo, tendo sempre como base o caráter da polêmica pretende pincelar algumas das possíveis relações entre a literatura, a mídia, o movimento feminista, o engajamento político e a literatura crítica feminista, evidenciando que o fenômeno atinge grau de complexidade de dimensões dificilmente demarcáveis. Uma metodologia interdisciplinar permite, de início, transportar o debate para a imbricada questão da literatura engajada e para o contexto histórico-político-cultural de uma época durante a qual a censura prévia, baseada em critérios morais, encontrava-se legalmente justificada.

A emancipação da mulher passa, necessariamente, pela discussão de sua sexualidade. Dentro da “ótica feminina”, defende-se o direito de auto-determinação da mulher, direito de expressar e viver a própria sexualidade, liberando o eros reprimido durante séculos. O conceito de emancipação da mulher (BEAUVOIR, 1949; MURRAY, 1973) concretiza-se em alguns dados demográficos (BERQUÓ, 1998). O estudo *A construção da igualdade* (1990), de Edward MacRae, revela como não só o movimento feminista serviu de trampolim para a ampliação dos limites da tolerância à diversidade, como muitos outros agentes atuaram como interlocutores ou mediadores. Recursos de elite como partidos políticos, a mídia e instituições culturais têm contribuído para que, hoje, no Brasil, a discussão da homossexualidade se efetue com base em melhores e maiores informações, diminuindo o preconceito. Há, naturalmente, exceções. Determinadas recensões no universo da mídia (cf. tópico 4.3. neste trabalho) mostram um radicalismo tão visceral contra as feministas e contra o direito da mulher expressar sua sexualidade que qualquer outra pessoa de posição contrária corre também o risco de ser estigmatizada.

Em seguida, são desvelados alguns conceitos misóginos detectados nos círculos da imortal Academia Brasileira de Letras (segundo a perspectiva “satírica” de Fernando Jorge). Observações breves sobre o posicionamento de representantes de um conservadorismo prudente (Rachel de Queiroz e Adélia Prado) confirmam que termos como “feminismo” e “engajamento político”, tendo sofrido mudança semântica negativa, já não podem ser usados sem prévia definição.

São efetuadas, então, algumas considerações sobre a crítica literária feminista e sua recepção na América Hispânica. A mulher (e seu corpo), no âmbito da literatura sem barreiras, ganha espaço na lírica e na micro-narrativa em tempos de ditadura militar e na intimidade do dia-a-dia.

Com *A hora da estrela* de Clarice Lispector e com noções de tolerância e de amor ao objeto de estudo presentes em *Nous et les autres* (1989), de Tzvetan Todorov, e *Le regard éloigné* (1983), de Lévi-Strauss, fecha-se o estudo. A discussão destaca apenas alguns dos possíveis enfoques quanto às funções da literatura, e conseqüentemente, do escritor (ou escritora) na sociedade, além de sublinhar a inegável responsabilidade e importância da mídia. Espera-se ter ressaltado a importância da continuação do debate.

2. Literatura, engajamento político e polêmica

Sartre em *What is Literature?* (1949) exorta a uma literatura consciente engajada, pois “literatura é, na sua essência, uma tomada de posição” (p. 278). Roberto Schwarz em *Seqüências brasileiras* (1999), ao afirmar que “nunca fomos tão engajados” (p. 172- 177), refere-se ironicamente à época pós-abertura, na qual os intelectuais se vêem empenhados nas mais diversas áreas da sociedade (administração pública, firma de pesquisa, sindicatos, partido, departamento da universidade, associação de profissionais liberais, ensino secundário, redação de jornal, etc.) “com o objetivo nem sempre muito crível de usar os nossos conhecimentos em favor de alguma espécie de aperfeiçoamento e modernização” (p. 176). Observa – fato freqüentemente esquecido – que o engajamento político de um intelectual pode ser tanto de direita, de esquerda ou de centro. A conhecida parcialidade pela esquerda deve-se a Sartre, em um posicionamento contra o fascismo europeu e a favor do operário pós-guerra e ao terceiro-mundismo dos anos 60. E Roberto Schwarz, professor universitário “cinquentão”, recorda nostalgicamente “a beleza e o sopro de renovação e justiça” que nos tempos áureos do engajamento político no Brasil, em especial nos anos de 62 a 64, “se haviam associado à palavra democracia (e socialismo)” (p. 174).

A *Revista do Brasil* (organizada por Heloísa Buarque de Holanda), em sua edição de 1986, apresenta as respostas que dez escritores contemporâneos brasileiros deram à pergunta “O que é literatura política hoje?” (p. 114-116). De uma maneira geral, há um consenso no sentido de que é importante distinguir entre “má literatura” (sinônimo de panfletária) e “boa literatura” (de mais difícil conceituação). Antonio Callado sublinha que “todo texto literário tem uma raiz política. Mas quanto mais escondida a raiz, mais forte e surpreendente a árvore”. Callado cita como exemplo *A divina comédia* como o mais eficaz e político dos poemas, posto que Dante não hesitou em colocar todos os seus adversários no inferno.

Sérgio Sant’Anna considera, ressaltando o aspecto das ideologias tradicionais, que “literatura política atual é aquela que denuncia a má fé da linguagem política tradicional seja de esquerda, seja de direita”. Jorge Amado, defendendo a liberdade da palavra, introduz o aspec-

to de que “nada mais triste do que um escritor oficialista: a ortodoxia é sempre inimiga da criação e do progresso.” Reitera, em termos de interação pragmática (autor-texto-leitor), que “o ato de escrever e publicar, de exercer influência sobre o leitor, é um ato político”. A afirmação de que o escritor ao solidarizar-se com os interesses do povo, “amplia e enobrece os objetivos de sua criação literária”, estabelece a associação de alguns com o seu “populismo” que, negativo ou não, tem feito de Jorge Amado um dos escritores brasileiros mais “amados” no Brasil e um dos mais conhecidos no exterior.

Lya Luft sustenta que “num mundo tão conturbado quanto este nosso e numa sociedade tão cheia de injustiças quanto a sociedade brasileira, toda pessoa que não for doentamente alienada é um ser político”. Considera que sua obra, mesmo sendo de caráter intimista e psicológico, é “profundamente politizada, porque os dramas humanos, embora, nos alicerces, sejam universais, acentuam-se de um ou outro lado, conforme o contexto político em que estamos mergulhados”. Lygia Fagundes Telles apesar de ter participado ativamente do movimento de resistência contra o autoritarismo e ter feito história quando, em 1977, juntamente com Nélida Piñón, Hélio Silva e Jefferson Ribeiro de Andrade, levaram ao ministro da Justiça Armando Falcão o famoso manifesto contra a censura, considera que seu único poder “que não é econômico, nem político, é a palavra”.

Antonio Carlos de Brito (Cacaso), no artigo “Você sabe com quem está falando? (as polêmicas em polêmica)” (p. 99-100), publicado na *Revista do Brasil* (1986), constata prazenteiro que o Brasil, após a pausa de duas décadas de autoritarismo “está reencontrando sua vocação de sempre, dinâmico, inquiridor, múltiplo” (p. 98). Menciona, entre outros muitos exemplos, o caso das divergências teórico-poéticas entre Philadelpho Menezes e Leminski. O poeta acreditava ter feito uma crítica construtiva à mostra *Poesia Intersignos*, mas a reação fora inesperada e surpreendente: “Parece que, no Brasil, a nossa inteligência, mesmo a melhor, só aceita elogios (...)” (99-100).

A polêmica das “Patrulhas Ideológicas” lançada por Cacá Diegues em 1979 aplica-se, relevados certos aspectos, a outros países, a outras épocas, à época atual das medidas anti-terroristas internacionais:

Um negócio que eu também acho muito grave é essa espécie de patrulha ideológica que existe no Brasil. Uma espécie de patrulha ideológica que fica te vigiando nas estradas da criação, para ver se você passou da velocidade permitida. São patrulheiros que ficam policiando permanentemente a criação, a criatividade, tentando limitar ou dirigir para essa ou aquela tendência. (in: Sússekind, 1985, p. 35).

Flora Sússekind, em *Literatura e vida literária* (1985), sustenta que “não é de estranhar [...] que um dos motores da vida cultural de um país sob governos autoritários seja

exatamente a polêmica. Como no terreno político o poder se acha monopolizado, trata-se de disputá-lo noutros campos” (Süssekind, 1985, p. 38). Pode-se falar de uma cultura da polêmica específica da época da ditadura, enveredar, porém, pela discussão se a época da ditadura começa em 64 e termina em 85 (como diz Zuenir Ventura) ou começa um pouco antes e termina um pouco depois (segundo a tese de Cacaso) – patenteia-se como outra polêmica interminável. Cacaso acredita, ainda, que Flora confunde, “autoridade intelectual” (resultante das polêmicas) com “autoritarismo” (BRITO 1985, p. 101).

A questão é que a polêmica, independente de qualquer regime, sempre pode ser usada como “prática autoritária revestida de prática democrática” e o jogo entre “autoritarismo” e “autoridade” é um dos instrumentos preferidos para a manutenção da hegemonia (não só política, mas também no campo da literatura, da sociologia e das idéias). Qualquer texto publicado e qualquer debate público abre o caminho para livres e múltiplas interpretações. Um texto só se realiza na medida em que é lido, ouvido, discutido. A concorrência é feroz e muitas vezes desleal. Süssekind, ao descrever “a discussão intelectual como espetáculo”, apontou para uma nova tendência na mídia. Os *talk shows* lutam pelas audiências e o intelectual ou o especialista tem alta conjuntura. Moderadores e jornalistas habilidosos, ao servirem de intermediários entre conteúdos complexos e um grande público, entram, freqüentemente, em conflito com a chamada crítica literária e outros profissionais.

Polêmica é também a afirmação de Süssekind (1985, p. 38) no sentido que os duelos de José Guilherme Merquior com outros renomados intelectuais contribuíram para solidificar seu ingresso na Academia Brasileira de Letras, além de ampliar o seu círculo de leitores. Fernando Jorge (1999), no entanto, munido de opinião demolidora frente à ABL, emite uma explicação polêmica: “Por ser assessor de Leitão de Abreu, ministro chefe da Casa Civil da Presidência da República, o ensaísta José Guilherme Merquior entrou para o grêmio, no dia 11 de novembro de 1982. Se não tivesse esse cargo, ele não entraria, apesar de possuir inegável talento e larga cultura” (p. 424).

2.1. A emancipação da mulher: contexto histórico-político-cultural

A década de sessenta marca o começo do movimento feminista que vai alcançar sua maior radicalidade (e polemicidade) dez anos mais tarde. A mulher passa a ter acesso a uma série de atividades e domínios, antes monopólio do homem. Na escrita, libertam-se os grilhões do que “não ficava bem” para uma jovem de boa família falar ou uma escritora escrever. Existe a crítica de que tal radicalismo afastou a mulher das tarefas consideradas primordialmente femininas. Ser escrava do lar, no entanto, já não era uma fatalidade e a pílula anticoncepcional igualava a mulher ao homem já que, desvinculando sexualidade e procriação, torna-

va possível tanto a prática da “infidelidade” como a recusa da maternidade.

O conceito de emancipação da mulher pressupõe tanto um processo de conscientização como a possibilidade de optar e atuar livremente, segundo seus valores e princípios e não como um ser marcado pelo destino, vítima de coações sociais e morais (cf. MURRAY, 1973). Simone de Beauvoir, na introdução de *Le deuxième sexe* (1974, p. 132), explica que a caminho da “auto-realização” surge um conflito, resultado de uma discordância entre as “aspirações fundamentais do sujeito” (que considera o “eu” como essencial) e as “compulsões de uma situação” (na qual o “eu” não é essencial). A dificuldade de reconciliação entre reprodução e trabalho produtivo vem a constituir-se como “o dilema da mulher”.

Elza Berquó (1994), em “Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica” (p. 411-438), registra alguns dados que merecem ser ressaltados. Enquanto a taxa de casamentos legalizados por mil pessoas diminui de 7,83 (1979) para 4,96 (1994), 1983 (o pior ano da crise da “década perdida”) registra o menor número, recuperando-se até 1986, e declinando sistematicamente desde então (p. 418). Em comparação, o número de separações judiciais atinge, em 1994, um número quatro vezes maior que o de 1979, ao mesmo tempo que se nota um desprestígio do casamento religioso – sobretudo nas zonas urbanas (p. 420). Declina a fecundidade (p. 424), aumenta o número de pessoas morando sozinha e o de mães solteiras. A “família monoparental” vem dobrando seu peso, década atrás década desde 1970. As mulheres-chefes são cada vez mais jovens e o processo “casar, ter filhos e se separar” ocorre em períodos de tempo cada vez menores. Uniões desfeitas atingem todas as classes sociais, alterando o padrão de vida tanto das mulheres como de seus filhos.

O aumento das uniões consensuais pode ser explicado como um “mecanismo por meio do qual os homens poderiam mover-se entre várias uniões instáveis, ‘dividindo-se’ entre diversas mulheres ao longo dos anos” (GREENE, in: BERQUÓ, 1994, p. 421), ainda mais considerando-se que o número de mulheres é bem maior que o número de homens. O déficit de homens, em termos absolutos, chega a 800 mil na faixa dos 25 aos 39 anos. Berquó, ao constatar a crescente dificuldade de uma mulher encontrar casamento na medida que envelhece (em oposição ao homem que tem sempre maiores chances de encontrar uma parceira), denominou tal estrutura, inicialmente, de “pirâmide da solidão”, passando-a à “pirâmide dos não-casados”, “até porque às vezes é preferível estar só do que mal acompanhado e, para muitas mulheres, estar só pode ser uma opção e não tão-somente um fardo” (p. 437).

2.2. A construção da igualdade

A ditadura militar gerou uma crise no mundo dos intelectuais e dos jovens. Edward MacRae, em *A construção da igualdade* (1990, p. 20-24), lembra como a juventude da classe

média, marginalizada pelos acontecimentos políticos da época, dirige seus olhos para o movimento da contracultura vindos da Inglaterra e dos Estados Unidos (p. 20).

A inspiração para o debate em torno do corpo, da erótica e da subversão de valores e normas comportamentais surge já nos anos cinquenta. Movimentos de contracultura vindos dos Estados Unidos e da Grã Bretanha – como o da chamada *beat generation* causam impacto sobre as sociedades que não podem dar-se ao luxo da indiferença. Allen Ginsberg, Jack Kerouac e Williams Burroughs são alguns dos poetas da não-violência e contra os valores da tradição ocidental. Nos anos sessenta, nomes como Marcuse, Norman O. Brown e Norman Mailer manifestam total desconfiança em relação com soluções para os problemas da humanidade. Durante a revolução dos estudantes de maio de 1968, a juventude concretizava suas reivindicações: “*Sejam realistas: peçam o impossível*” e “*É proibido proibir*”. Quando os Beatles se separam, em 1970, a juventude abre seus ouvidos para o som alucinante e psicodélico de Janis Joplin e Jimmi Hendrix, assim como para os Rolling Stones, The Who, Pink Floyd, Greatful Dead e Jefferson Airplane. Heloisa Buarque de Holanda (1980) explica como a nova expressão de “constestação” de caráter político se manifesta: “O uso de tóxicos, a bissexualidade, o comportamento descolonizado, são vividos e sentidos como gestos, perigosos, ilegais [...]” (p. 68).

Macrae (1990) descreve como os jovens decepcionados com o malogro da revolução social no Brasil e no mundo, vão se voltando para uma revolução, uma transformação do indivíduo. O movimento de esquerda, por sua vez, conservador nos campos da arte e da moral, já não convence, emaranhando-se cada vez mais nas contradições de uma revolução do povo. A divisa era o casamento, homossexuais foram perseguidos ou declarados *personae non grata*. A maconha e outras drogas eram estigmatizadas e Rock, Soul, Funk etiquetadas como “alienantes”. No meio estudantil, a ortodoxia patenteava-se não só no posicionamento contra a pílula anticoncepcional, mas também no âmbito de tentativas inovadoras como o “Libelu” (“Liberdade e Luta”), desfeito em nome da unidade (cf. MACRAE, 1990, p. 23-24). M. Suzuki Jr., ex-universitário paulista, descreve o Libelu como “um curioso e original amálgama político-comportamental, em que o trotskismo convivia com o rock, com o fuminho e com as meninas do pós-queima-dos-sutiãs” (in: Almeida e Weis, 1998, p. 375-376).

O golpe militar de 1964 provoca uma desarticulação na militância das minorias de negros e mulheres (na realidade maiorias), que revelou ser, porém, de caráter temporário. Os vários grupos minoritários, inicialmente unidos sem maiores diferenciações, vão adquirindo maior autonomia em vista da especificidade de seus problemas. Atravessam fases nas quais se exacerbam os conflitos da chamada dupla discriminação e dupla militância, em especial das lésbicas e dos negros (cf. MACRAE, 1990, p. 241-268). O fato da legislação brasileira não possuir caráter homofóbico não implica na interpretação positiva de atos passíveis de serem

considerados contrários aos bons costumes. Apesar das contradições, das barreiras intelectuais, hierárquicas, burocráticas que dificultam a construção da igualdade, os diferentes grupos têm uma história e a perspectiva de um futuro solidário.

Leyla Perrone-Moisés, em seu livro *Altas literaturas* (1998), ao defender, com base no consagrado cânone ocidental os “universalistas”, ataca o posicionamento dos “particularistas”, nos quais insere as feministas, pós-colonialistas, pós-modernos, pós-modernistas, multiculturalistas assim como os representantes de opções sexuais não canônicas (1998, p. 190-203).¹ Lamenta “a opressão e o silenciamento das mulheres, dos não-brancos, dos colonizados”. Não fala em denúncia, mas em “apontar”, em “revelar o que foi ocultado [quando possível]”, para que nada disso volte a acontecer. Mas, ainda segundo a autora, já não se pode mudar a história, o passado e o fato de que “a literatura tenha sido, em nossa tradição, uma prática de homens brancos das classes dominantes”. No concernente aos homossexuais, vai ainda mais longe: “eles sempre tiveram forte representação no cânone de todas as artes, não por terem sido homossexuais, mas por terem sido artistas” (p. 199). Alicerçando a tese contrária, bastaria citar Oscar Wilde.

3. Literatura, feminismo e crítica literária feminista: do centro à periferia

3.1. De “-ismos” e “post-ismus”

Teresa de Lauretis (In: RICHARD 1993, 90 ANM. 2; GALSTER 1997, p. 110, nota 51; COLLIN 1995, p. 300-302) divide o feminismo em três grandes grupos: socialismo ou marxismo; pós-estruturalismo e essencialismo. Linda Hutcheon (1988, p. 67-68) prefere falar de “feminismos”, justificando o plural com uma enorme listagem e diversidade perspectiva e enfoque temático dos diferentes estudos.

Jean-François Lyotard, em *La condition postmoderne* (1979), ao rejeitar o projeto da modernidade e confiante no racionalismo e no progresso histórico, rejeita, igualmente, vertentes histórico-filosóficas (entre as quais se inclui naturalmente o marxismo), reduzindo-as às denominadas “meta-narrativas”, ou seja: uma forma elevada de ficção, nada mais.

Jacques Derrida, a figura emblemática da pós-modernidade ou o “pai espiritual do pós-estruturalismo”, desencadeia nos Estados Unidos com *L'écriture et la différence* (1967) e *De la grammatologie* (1967) a onda do desconstrutivismo. John Barth marca época com

¹ Para maior compreensão dessa “Babel conceitual”, recomenda-se, entre muitas outras, as seguintes obras: Souza (1994), Hutcheon (1988), Ashkroft et al. (1989).

seus *The Literature of Exhaustion* (1967) e *The Literature of Replenishment* (1980). Estabelecem-se as frentes contra e a favor. Com o passar do tempo, renhidos posicionamentos descobrem o caminho menos pedregoso e mais fértil do diálogo. Hans Robert Jauß (1987), para citar um exemplo, denuncia o “fantasma da pós-modernidade” [al. *Gespensst der Postmoderne*] assombrando a Europa (p. 243). Com o termo “*Postismus*,” (presente não só em pós-modernidade e pós-estruturalismo, como também em pós-industrial, pós-história, pós-capitalismo, etc.) associa tendências de uma “ímpia aliança”, na qual o prefixo “*post-*” estaria unindo as mais contrárias posições (p. 243). Mais apaziguador, não deixa de indagar, poucas páginas depois, se não se trataria, quem sabe, de uma época futura ilusória, uma fase de transição de indefiníveis expectativas, na qual a consciência de uma ruptura entre o velho e o novo, procura articular-se na “categoria do não-mais” (p. 245).² Diante do movimento feminista, no entanto, não se desdobra em arrojos retóricos, mostrando-se menos conciliador. De um congresso interdisciplinar de mulheres em Constança (julho de 1983), limita-se a citar, no tocante à crítica de uma peça teatral (publicada no *Uni-Info* número 129, página 10), da qual não revela nem nome, nem autora, uma frase, que grifa como ápice do *Postismus*: “eine wahrhaft *postpatriarchalische* Atmosphäre” [uma atmosfera verdadeiramente *pós-patriarcal*].

Derrida ataca o “logocentrismo” como um erro já proveniente da antiguidade. Assim, as oposições binárias presentes na linguagem (sujeito / objeto; cultura / natureza; positivo / negativo, etc.) revestem-se de uma hierarquia propositalmente constituída para que o significado de um termo, colocado em posição anterior ao seu opositor, elimine “o outro”. A consequência para o feminismo parece óbvia: a mulher sempre foi “o outro” com relação ao homem. “Logocentrismo” passa, então, em estreita relação com o poder do órgão sexual masculino (o falo), a ser denominado pelas “neo-feministas” francesas de “falocentrismo”. A recepção de Foucault, Derrida, Deleuze, Barthes e Kristeva, além de introduzir no meio acadêmico os conceitos de marginalidade, alteridade e diferença, contribui para intensificar a discussão em torno da crise e do descentramento da noção de sujeito.

Toril Moi (1987) descreve Luce Irigaray, Hélène Cixous e Julia Kristeva como a “santa nova trindade do feminismo francês”.

Luce Irigaray dessacraliza o “texto masculino” (Platão, Hegel, Nietzsche, Freud e outros), convidando à liberação do “feminismo” nele suprimido. Em *Speculum of the Other Woman* (1985), procurando entrelaçar sexualidade e textualidade, explica que a experiência somática refere-se à habilidade da mulher sentir prazer, ou seja, “*jouissance*”:

² No original alemão. “[...] das Bewußtsein eines eingetretenen Bruchs zwischen dem Alten und dem Neuen nun mehr in Kategorien des ‘Nicht mehr’ artikulieren zu können”.

The pleasure, when attributed to a woman, is considered to be of a different order from the pleasure that is represented within the male libidinal economy often described in terms of capitalist gain and profit motive. Women's *jouissance* carries with it the notion of fluidity, diffusion, duration. It is a kind of potlatch in the world of orgasms, a giving expending, dispensing of pleasure without concern about end or closure. (*New French Feminisms* 36 n. 8, in: QUINLAN, 1991, p. 14)

Há uma estreita analogia entre a escrita e a genitália femininas. Em contraposição ao “falo” ereto, visível (uno), elevam-se os lábios da vagina, os seios (duplos). Dessa dicotomia teriam surgido dicotomias maiores e mais poderosas como masculino *versus* feminino, razão *versus* coração, alma *versus* corpo, logos *versus* eros, concreto *versus* abstrato. A linguagem e o pensamento ocidentais estariam baseados em uma “estrutura falocrática” do mundo. Irigaray acredita que a única forma da mulher conhecer-se é descobrindo seu “auto-erotismo” e seu “ambiente pré-falocêntrico” (in: QUINLAN, 1991, p. 14; MORA, 1982, p. 149).

Cixous defende uma *écriture féminine*, distinta, própria e específica da mulher, não necessariamente expressão do ser biológico feminino, ao qual fica, porém, reservado mais fácil acesso. A mulher “escreve o corpo” com “tinta branca” (metáfora do leite materno). Sustenta que a linguagem não pertence à mulher, sendo herança de uma superestrutura dominada pelo homem. Ou a mulher decide simplesmente não escrever, ou se submete a uma auto-censura, esforçando-se em seguir fielmente normas estabelecidas (quanto à linguagem, temas, gênero e caracterização), assegurando, assim, o “direito” de manipular o que não lhe pertence.

A teoria do sujeito de Julia Kristeva distingue dois processos interagindo no processo da fala, o simbólico e o semiótico. Enquanto o “discurso simbólico”, em termos lacanianos, é o meio utilizado para dominar o mundo, no sentido que o homem fala de todos e de tudo, mas em seus próprios termos, para Kristeva, o simbólico, em parentesco com o logocentrismo e dominado pela lei do pai, diz respeito à estrutura lógico-racional da linguagem, que leva a criança, em seu processo de aprendizagem, a distinguir entre sujeito e objeto, vindo, conseqüentemente a pensar em termos de oposições binárias. O semiótico, com uma conotação diversa daquela comumente atribuída na lingüística, remete-se aos instintos recalcados no sujeito em um tempo anterior ao simbólico, no qual a criança e a mãe ainda constituíam uma unidade.

Para Kristeva, o “feminino” nem se localiza no resultado da distinção homem / mulher, nem é uma mulher real, mas evidencia-se, sim, na construção de textos intencionalmente deformados, nos quais regras convencionais são manipuladas, redundando em contradições, ou até no absurdo. Na aplicação de sua teoria, Kristeva privilegia autores (Lautréamont e Mallarmé) e poetas, posto que a materialização da linguagem da lírica é campo fértil para a aplicação dessa interpretação do semiótico.

Para Kristeva, o corpo é lugar de gozo, de prazer sexual (ou “*jouissance*”), ou seja, “força semiótica na escritura capaz de quebrar a ordem simbólica restritiva”. Embora valorize o “feminino” e considere novas formas de discurso compatíveis com a causa da mulher, não rejeita a cultura e seus textos, nem a teoria (masculina). Desde a metade da década de setenta, vem se afastando de certas idéias defendidas nos seus primeiros trabalhos, vindo a dedicar-se cada vez mais a estudos de fundo psicanalítico. Moi (1986) e Dosse (1992) enfatizam que a necessária distinção entre verdadeiro e falso – preconizado pela psicanálise – já não permite a Kristeva o incluir-se – com Derrida – no campo da “*indécidabilité*” (cf. Galster 1997, p. 108, nota 42). Em uma entrevista ao *L'Infini* (1990), Kristeva já não defende a necessidade de destruir instituições burguesas como nação, religião e família – garantidas da ordem simbólica – reconhecendo-as como úteis na luta contra a barbárie (cf. GALSTER 1997, p. 108, nota 42). Instaura-se outro ponto de polêmica, posto que tal afirmação não pode ser recepcionada (nesses termos), nem no velho nem no novo continente.

3.2. Crítica literária feminista e sua recepção na América Hispânica

Enquanto parte das críticas literárias feministas, na América Hispânica, recepciona positivamente as novas teorias, outra parte acusa as “novas importações” de “neo-colonialismo”, sobretudo devido à hermeticidade dos textos. Galster (1997, p. 106) sublinha o paradoxo, posto que justamente a forma de pensamento que deveria libertar a mulher, serve de obstáculo para o diálogo global.

Nelly Richard (1993) aprova a teoria de Kristeva enquanto sinônimo de destruição logocêntrica, sem fincar o “feminino” no determinismo biológico dos sexos. Descarta, no entanto, a expressão “*escritura femenina*”, privilegiando “*feminización de la escrita*” (RICHARD 1993, p. 35). Beatriz González (1991a, p. 105), de Venezuela, argumenta, igualmente, contra a “*escritura femenina*”, rejeitando-a por seu teor ahistórico, ou seja, tratar-se-ia de um enfoque que reveste a mulher de características simplistas e generalizantes, reduzindo-a a um ser “feminino”, sem pertenências de classe, etnia, cultura e época.

Da relação entre “economia libidinal feminina” e corporeidade surge nos textos da mexicana Margo Glantz e da colombiana Helena Araújo o corpo da mulher como “estratégia discursiva”. Lucía Guerra-Cunningham (1989, p. 157 e 1990, p. 80), chilena vivendo no exílio, discordando da linha essencialista, considera a estratégia totalmente inadequada para um continente dominado pela tortura e pela opressão.

González (1991a, p. 97) rejeita tanto o termo “*falocentrismo*” como o termo “*sexista*”, que segundo sua visão marxista, não comporta nenhum componente hierárquico social, sugerindo, ao invés, “*androcentrismo*”, que, sem deixar de abarcar a perspectiva masculina,

na, concentra-se nos detentores do poder, vindo a sugerir, conseqüentemente, uma abordagem que enfoque a perspectiva dos excluídos. Galster (1997, p. 105) destaca, no entanto, o entusiasmo com que González, em sintonia com muitos intelectuais no mesmo hemisfério, passíveis de serem enquadrados na linha esquerdista, passam a utilizar a terminologia pós-estruturalista ou pós-modernista, apesar de reiteradas manifestações de discordância. Ademais, nos anos oitenta, ao invés de utilizarem expressões da terminologia marxista-leninista como “dialética”, “totalização”, “ideologia dominante”, o vocabulário empregado revela maior proximidade a Antonio Gramsci. Além de termos como “subalterno”, “hegemonia” surge a figura de identificação, o “intelectual orgânico”, ou seja, aquele que, organicamente unido aos trabalhadores, não se distingue pela realização de atividades manuais, sendo, mesmo assim, reconhecido pelas massas como o seu legítimo porta-voz.

Nelly Richard vem a constituir-se como a mais popular teórica do pós-modernismo na América Latina (cf. Galster 1997, p. 106-110). Sem contar-se entre os muitos intelectuais chilenos obrigados a viver no exílio durante a ditadura Pinochet, argumenta contra a incongruente idéia da mulher latino-americana como “não-sujeito” do projeto da modernidade, dado que, nem a mulher européia participara do processo da Ilustração e do Progresso. A crise da modernidade, vigente na Europa e tendo como centro o sujeito universal da metrópole (o homem), libertaria a mulher latino-americana de suas correntes na periferia e do processo de exclusão (cf. Richard 1993, p. 82).³ Enquanto, por um lado, Hermann Herlinghaus (1993) procura destacar a contribuição de Nelly Richard, planteia, por outro, a desvinculação do neologismo “pós-modernidade” de conotações de luta, particularmente defendida por Pierre Bourdieu.

Termos como “centro” e “periferia”, oriundos da Teoria da Dependência, não perdem, como se pode comprovar repetidamente, seu alto teor de polemicidade. Dentro do quadro de crescente desconfiança em relação ao monopólio cultural das instituições ocidentais modernas, Nelly Richard (1992, p. 129) denuncia o discurso pós-moderno de parte do “centro”, que fala “sobre a “periferia”, impedindo às mulheres que assumam o seu papel de “sujeito”. Próxima ao marxismo, Jean Franco (1986, p. 35), autora britânica de vários estudos sobre a América Latina, protesta contra a utilização de “marginados” por Kristeva. Embora a canadense Linda Hutcheon em *A Poetics of Postmodernism* (1988) reconheça o impacto que o feminismo teve sobre o “postmodernism”, prefere considerá-lo como parte de outras minorias (XI-XII), dedicando maior atenção ao tema no capítulo IV: “Decentering the postmodern: the ex-centric” (p. 57-63). As minorias marginalizadas recebem a denominação de “ex-centric” ou “offcenter”:

³ Galster (1997, p. 109) remete, nesse contexto, a Hermann Herlinghaus e Monika Walter.

[...]“the excentric” (be in class, race, gender, sexual orientation or ethnicity) take on new significance in the light of the implied recognition that our culture is not really the homogeneous monolith (that is middle-class, male, heterosexual, white, western) we might have assumed. The concept of alienated otherness (based on binary oppositions that conceal hierarchies gives way [...] to that of differences, that is to the assertion, not of centralized sameness, but of decentralized community [...]) (HUTCHEON, 1988, p. 12).

Assim, grupos minoritários que até os anos sessenta estavam condenados a silenciar, levantam suas vozes, procurando formular discursos teóricos resultantes de uma longa prática de opressão. Franco (1989, p. XXII) já elogiava, em 1989, a Rigoberta Menchú como exemplo vivo do conceito de “intelectual” feminista, ou seja, de mulheres que se transformam nos intelectuais orgânicos dos novos movimentos de luta. Quando, por volta do Quinto Centenário, em 1992, o Prêmio Nobel da Paz lhe é outorgado, celebra-se o fato de que uma instituição do centro reverencia “quintuplicamente” a periferia marginalizada: além de pertencer ao Terceiro Mundo, é mulher, índia, *campesina* e revolucionária. Galster (1997, p. 110), com base nesse acontecimento, levanta duas questões: seria a entrega do prêmio uma prova da maior eficiência do feminismo marxista na América Latina ou, simplesmente, uma atitude tranqüilamente adotada pelo centro, que não se sente ameaçado pela periferia?

3.3. Fim da utopia da esperança e a literatura latino-americana

Dentro do contexto latino-americano, a maioria das organizações de esquerda viam a problemática feminina secundária e subordinada à questão das classes sociais (ASTELARRA, 1984). Assim, a revolução do operariado e a abolição da propriedade privada foram consideradas prioridades e toda tentativa de organização autônoma de mulheres era taxada de “divisionista” e de caráter meramente “burguês” (p. 50). Em um continente onde a miséria, a fome, a injustiça social e a repressão atingem igualmente a crianças, mulheres e homens, falar da opressão e da emancipação da mulher adquiria a dimensão de concessão descabida e exclusivista de privilégios. Somente a partir dos anos sessenta a questão feminina passa a fazer parte da programação estratégica dos grupos progressistas ou de esquerda (ASTELARRA, 1984, p. 63-64). Enquanto o marxismo, diante de um proletariado categorizado de machista, luta contra as dificuldades de unir teoria e prática, a experiência nos países socialistas do leste europeu carece de soluções à questão do posicionamento subalterno da mulher. Exemplos como Nicarágua e Cuba mostram que com a subida do povo ao poder, a participação política da mulher, indispensável durante o processo revolucionário, sofre um retrocesso (RANDALL, 1970).

A morte de Che Guevara, em outubro de 1967, redundou em enorme fracasso para

todos que sonhavam com uma América Latina livre do imperialismo. A violenta forma como o governo comunista solucionava a Primavera de Praga nada contribui para sustentar o sonho de um mundo mais justo. A chegada do homem à lua, em 1969, provoca sentimentos contrários: se por um lado, o triunfo da tecnologia é celebrado, por outro, a experiência histórica de como o homem utilizava os avanços científicos para o proveito de poucos e destruição de muitos inocentes (bomba atômica, guerras em todos os cantos do planeta) fortalece o ceticismo. A confiança na capacidade dos políticos atuarem em favor da paz e da justiça cai crescente e inexoravelmente em descrédito.

A utopia da esperança se desfaz com a catástrofe da violência das ditaduras em países latino-americanos como a Argentina (1976-1983), Paraguai (1954-1989), Chile (1973-1989) e Uruguai (1973-1984). A produção literária se caracteriza pela busca de novas técnicas de representação da realidade. R. Spiller (1995, p. 466-467) distingue três fases. Durante os anos sessenta e setenta, quando ainda se acreditava nas ideologias, a literatura era de engajamento e evasão; a década de oitenta foi marcada tanto pela violência como pela recepção de teorias européias, particularmente Michael Foucault (“a função do autor”) e Wolfgang Iser (o ato da leitura). Na fase da redemocratização, os autores parecem encontrar na ironia cínica das novas estratégias de mercado dos meios de comunicação de massa, o vislumbrar de novos caminhos. Do ponto de vista da “*escritura femenina*”, destaca-se, entre os autores do *boom*, Isabel Allende com o romance *La casa de los espíritus* (1982), combatendo o clichê do binarismo escritora / lírica. Em oposição a outros críticos, que acusam a autora de plágio de Gabriel García Márquez, Spiller (1995, p. 479) fala de um “tratamento bem humorado do realismo mágico”.

Luiza Lobo (1988), na difícil e louvável tarefa de categorizar o enorme número de obras literárias, destaca cinco tendências principais nos romances escritos durante a ditadura militar no Brasil: existencialista, discurso-experimental, alegoria política, diário ou correspondência (humorística) e erótica (p. 50-51). Para a explicação do caráter existencialista recorre à idéia do espelho de Lacan (1966): a protagonista principal utiliza-se de monólogos, descrevendo seus sentimentos como se estivesse refletindo sobre a própria identidade através do outro (refletido no espelho). Perplexa diante da existência, a mulher constata, triste e imersa em sua solidão, o multiplicar de rugas, o decaimento da beleza corporal. O exemplo de Clarice Lispector para o existencialismo, porém, poderia causar a falsa impressão de que não tivesse elaborado suas obras em outras direções. Seus experimentos narrativos competem com a prosa de Guimarães Rosa ou de Maria Alice Barroso (cf. BOSI, 1997). *As meninas* (1973) de Lygia Fagundes Telles é, sem dúvida, prosa altamente experimental, mas o que impede uma leitura como alegoria política da ditadura militar? A citação de Ricardo Ramos na contracapa justificaria: “em plena quadra de horror, o nosso primeiro depoimento de tortura”.

A importância do humor está muito bem colocada, mas por que a estreita associação a diários e cartas? No campo da erótica, as autoras mencionadas são representativas: Márcia Denser, Sônia Coutinho, Myriam Campello. Um tanto descontextualizada (ou menos clara à compreensão) fica, igualmente, a citação de Hélène Cixous: “*erotic writing is one of the tools for acting out the ‘hysterical side of women’*” (in: LOBO 1988, p. 53). Para o leitor, que não conhece o texto, a exortação de Cixous, no sentido de que as mulheres “falem, falem e falem” só faz intensificar o clichê de mulheres histéricas, protótipos da tagalerice. Igualmente descolocada surge outra frase de Cixous, desta vez em relação com a indiscutível importância do humor (in: LOBO 1988, p. 53-54), que tem o poder de aquebrantar estruturas. A mulher deve, sem dúvida, aprender a rir, sobretudo de si mesma e de suas malfadadas experiências. Contudo, um artigo que se propõe a destacar como diferentes escritoras trabalham literariamente a questão feminina durante o terror da ditadura militar, não pode terminar com uma clara tomada de partido pelo riso em detrimento das outras quatro categorias apresentadas, a não ser que, consciente ou inconscientemente, se esteja realizando uma forma de auto-terapia, o que, aliás, seria perfeitamente justificável e compreensível.

4. Feminismo, engajamento político e a mídia

4.1. O jornalista Fernando Jorge e a ABL

Curtius (1993, p. 108) sublinha que na antigüidade – e nas épocas mais desenvolvidas de uma cultura – louva-se tanto o jovem como o velho. Somente com o passar dos anos juventude e velhice passaram a ser tratados como *topoi* de oposição. O escritor e jornalista Fernando Jorge, “um dos mais controvertidos e odiados polemistas”, em *A Academia do fardão e da confusão. A Academia Brasileira de Letras e seus “imortais” mortais* (1999) denuncia em estilo entre jocoso e cáustico as traições, ciúmes e brigas representados no cenário da “estéril e inútil” Academia fundada em 1897. O tratamento dos imortais como despectivamente “ranzinhas, desdentados, encarquilhados, reumáticos e catarrosos” (p. 23) reflete a decadência de uma sociedade (a brasileira), que inspira pouco ou nenhum respeito. O cerne da obra, no entanto, é estruturado a partir de exemplos históricos rigorosamente documentados em torno de argumentos contra uma afirmação (“escandalosa mentira”), do economista Celso Furtado, formulada por ocasião de uma entrevista dada ao repórter Carlos Franco, e que apareceu na edição do dia 12 de agosto de 1997 do *Jornal do Brasil* (p. 71): “[a ABL] é uma das poucas instituições civis que têm se mantido independentes do Estado, da Igreja e do Exército” (p. 38-39).

No processo de desmitificar os “imortais”, Fernando Jorge presta, igualmente, valiosa contribuição à pesquisa de clichês misóginos. Não deixa dúvidas de que o mais excelso

dom de uma mulher é o culinário. A admiração já vem estampada na página 11, na louvação à Vera Loyola, que sabe unir o útil ao agradável, ou seja, além de possuir “um intelecto superior ao de trinta membros da ABL”, é, também, dona de uma rede de padarias. O reconhecimento de Vera poderia ser interpretado como um estratagema capaz de protegê-lo de acusações no sentido de que não gosta de mulheres.

As pessoas mais elogiadas dentro da ABL, por serem as “únicas que trabalham” são, surpreendentemente, duas mulheres: dona Ivete de Abreu, responsável pelo preparo dos quitutes e a funcionária Clarice Costa, supervisora da mesa da Academia (JORGE, 1997, p. 23). Mesmo aquele “prédio sombrio”, espreitado pela “senhora Morte”, adquire certo vigor e brilho fugaz: “Hum, que delícia! Ai que gostoso está este bolinho, ele até se desmancha na boca!” (p. 374). A riqueza dos comensais contrasta com a pobreza de seus membros: “Enchem o estômago, porém gostariam também de encher mais as suas carteiras” (p. 395). O salão de chá converte-se no mais augusto local: as toalhas, sobre a mesa de mogno maciço, “são de puro linho e ostentam, bordados, o brasão e as iniciais da casa” (JORGE, 1997, p. 467). A atividade de beneméritas escritoras não ultrapassaria teores parasitários. Rachel de Queiroz, por exemplo, em companhia de Lygia Fagundes Telles, “engole o chá acadêmico, enquanto mastiga, emitindo celestiais suspiros de prazer, os divinos bolinhos de aipim de dona Ivete” (p. 130).

Ao invés de ressaltar a importância de certas datas com o mérito de alguns dos imortais, Jorge, satírica e despectivamente, lembra que um dos poucos acontecimentos que “arrancou o grêmio da inércia, da moleza e deu certa vitalidade à casa dos ‘imortais’” foi, em agosto de 1987, o furto de trinta e uma medalhas e placas comemorativas. Um comerciante de moedas e antigüidades, por uma questão de honestidade, devolveu trinta e uma das peças roubadas que, reiterava, o ladrão lhe houvera vendido (p. 448-449). Celebra-se o marcante fato com biscoitinhos de araruta.

O mesmo autor lança (implicitamente) um desafio à crítica literária e universitária, ao levantar a tese de que a maioria dos escritores, por um “fenômeno de mimetismo”, ao serem eleitos pela ABL, se deixam contagiar pela mediocridade, vindo a produzir obras de baixa qualidade literária. Lygia Fagundes Telles aparece como exceção, mas Rachel de Queiroz e Nélida Piñón são imisericordiamente criticadas.

De fato, a má reputação da ABL já cruzou os mares. O *Jornal de Lisboa (JL)*, na edição de 6 de julho de 1993, destaca, baixo a manchete de “Um escândalo no Prêmio Camões”, que o prêmio instituído em 1988 pelos governos dos dois países, sempre havia primado por resultados consensuais. Desta vez, no entanto, diante do empate entre Rachel de Queiroz e Jorge Amado, os portugueses (professores de literatura, ensaístas e críticos) cedem diante dos brasileiros (“nenhum dos quais crítico ou especialista em literatura”, que “vinham

para isso e absolutamente determinados a dar o prêmio à escritora do Ceará”). O jornal sublinha que para ser membro da Academia basta a publicação de um livro ou ensaio, mesmo fora da área da literatura. Os membros do júri brasileiro, apontados pelo presidente da Academia, Austregésilo de Athayde, de 95 anos, foram: Arnaldo Niskvier, especialista em educação, cujo discurso de recepção à Academia em 1984 fora editado por Rachel de Queiroz; Oscar Dias Corrêa, jurista; João de Scatimburgo, ligado a poderosos meios financeiros de São Paulo. Triste é a constatação de José Saramago: “o Prêmio Camões nasceu mal e vai vivendo pior. E os ódios são velhos e não cansam”. Jorge Amado, coincidentemente em Portugal na ocasião, reitera que seu prêmio são seus leitores em todo o mundo e que ele, assim como outros escritores brasileiros, estavam torcendo por Josué Montello. Elogia a escritora, autora de um romance “que eu estimo particularmente: *João Miguel*”.

Em 1977, Rachel de Queiroz, após uma campanha contra a discriminação das escritoras, vem a ser primeira mulher eleita pela entidade. Antecipara-se como candidata à líder da campanha, Dinah Silveira de Queiroz eleita, por sua vez, em 1980. Dez anos mais tarde, é a vez de Nélida Piñón. Fernando Jorge mostra, no capítulo 26, que, na época do regime militar, Rachel de Queiroz, em um artigo publicado no jornal *Última Hora*, defende a Censura, assim como o “decreto nazista” 427 do ministro Armando Falcão. Com base em que critérios, no entanto, pode-se afirmar que a única obra bem sucedida de Rachel de Queiroz é *O Quinze*?

A união entre trabalho documental e gênero satírico, à primeira vista, incompatíveis, apresenta certas vantagens. Satirizando, polemizando (nem sempre rindo), castigam-se os costumes. A contundência e gravidade das acusações se vêem amenizadas pela intercalação e caráter recorrente de determinados clichês e teses: os imortais são meros mortais e cheios de defeitos (ciumentos, vingativos, egoistas); a instituição caracteriza-se pelo favoritismo, pelo abuso de poder, pela conivência com os poderosos. Criticando a parcialidade da ABL e de seus membros, toma, paradoxalmente, partido de alguns, aniquilando outros. Enfatiza, por outro lado, o teor objetivo do trabalho de documentação enquanto, por outro lado, reproduz um sem-número de afirmações profundamente subjetivas. O que significa escrever bem ou escrever mal? O que as lágrimas de Nélida Piñón têm a ver com sua atividade de presidente e com sua obra? Em que proporção seus erros gramaticais e sintáticos afetam o valor de sua obra como um todo? Seus romances volumosos, totalizadores, foram qualificados de herméticos, difíceis pela crítica, mas têm um público não insignificante. Seriam realmente monótonos, ou o leitor moderno tem pressa – pouco tempo para o estudo e para a reflexão – e exige o facilmente consumível? Perguntas à procura de respostas cuidadosas e não para serem reduzidas a um julgamento inexorável, ditatorial.

Sem o espírito destrutivo, hiperbólico, uma sátira afastar-se-ia das convenções do

gênero. O trabalho, apesar de elevado teor iconoclasta e misógino, registra questões, que desde há muito estão pairando no ar, poluindo a política nacional e o mundo da literatura.

4.2. Rachel de Queiroz e Adélia Prado: compatibilidade possível entre moral, prazer e opção pelo oprimido?

Termos como “feminismo” e “engajamento político”, semelhantes a movimentos ondulatórios, têm sofrido modificações semânticas ora positivas ora negativas, segundo necessidades impostas ou sugeridas pelo *status quo*. Sonia Coutinho (1986), por exemplo, afirma que a mulher é “não mais personagem, e sim *sujeito* da literatura”. Ao louvar a publicação da polêmica coletânea de poesias e textos de Edla van Steen, “irônica e combativamente” intitulada *Mulheres da vida* (1978), reitera que a escritora, “cada vez mais assumidamente mulher já não se deixa lisonjear pelo comentário: ‘ela escreve bem, escreve como um homem’”; no entanto, acrescenta que os temas, “nesses anos 80, giram cada vez mais em torno da condição e da problemática feminina, embora isso não represente, necessariamente, um engajamento feminista” (p. 56). Ao ressaltar o aspecto de reconhecimento social mais amplo da conscientização do processo de profissionalização do trabalho da escritora, procura assegurar cuidadoso distanciamento de um engajamento de possível teor feminista, de ressonância social supostamente menos positiva. A ótica do “profissionalismo” ofusca a ótica feminista.

Conceitos contraditórios sobre “ser feminista”, “ser engajada” traçam uma linha entre supostas “conservadoras” e “liberadas”. Assim, mulheres (e escritoras) zelosas de sua reputação procuram deixar claro que não são partidárias nem da “libertinagem” nem do “panfletarismo” (ou marxismo vulgar). Não se pode, ademais, afirmar que uma escritora é só “experimental” (como Clarice Lispector) ou só engajada (como Lygia Fagundes Telles ou Nélida Piñón).

Em uma entrevista realizada por Raquel Cristina Faria para a revista *Cláudia* (dezembro de 1981), Adélia Prado declarou: “As feministas não me dão bola porque eu prezo a família e as tarefas especialmente femininas. Mas eu nunca vou abrir mão dessas coisas” (p. 25; in MOREIRA, 2000, p. 89). A manchete abriu margem para muitas discussões: *Adélia Prado, a poeta maior do nosso cotidiano, lança o desafio: A MULHER QUE NÃO ENFRENTA O FOGÃO TAMBÉM É OPRIMIDA*. Moreira (2000, p. 89-90) observa que dezoito anos mais tarde, Gustavo Ioschpe (1999, p. 85) em um artigo para a revista *República* cita a feminista americana Glória Steinem, de 65 anos, que diz que “criar um bebê humano é muito mais interessante do que a maior parte das coisas que acontece em corporações e fábricas”. Enfrentar filhos, casa e forno deve, no entanto, ser uma forma de opção não uma entrega

resignada aos desígnios do destino. Como em um longínquo eco de resposta à manchete anterior, aparece, então, nas letras garrafais *LIVRES PARA O FOGÃO*.

Adélia Prado e Rachel de Queiroz revelam perspectivas semelhantes quanto ao conceito de engajamento político. Em uma entrevista dada a Maria José Somerlate Barbosa e publicada no *Suplemento Literário de Minas Gerais* (junho de 1984, cf. MOREIRA, 2000, p. 87), Adélia Prado adota um tom irônico, quase às raias do sarcasmo, ao abordar a questão de lhe cobrarem o fato de não ser engajada, em especial, por ser filha de ferroviário. Sua reação revela o pouco valor que empresta à questão. Resume o engajamento em “abraçar a causa” e “ser do PT”. O tom muda ao discorrer sobre o que entende ser sua missão: “se eu for verdadeira, se eu for fiel ao meu texto, podem ficar tranquilos que eu estou servindo à causa do oprimido [...]. E tem horas que o texto quer falar de metafísica, tem horas que quer falar de abóbora, tem horas que ele quer falar de Deus, tem horas que ele quer falar de paixão”. E seu poema “Falsete” (in: *Terra de Santa Cruz*, 1981) quis falar das atrocidades da ditadura militar:

[...] Meu filho era bonzinho.
Nunca ia suicidar conforme disse a polícia.
Pus a mão na cabeça dele, estava toda quebrada,
mataram de pancada o meu filho.
As testemunhas sumiram,
perderam os dentes, a língua,
perderam a memória.
Eu perdi o menino.
[...]
(in: MOREIRA, 2000, p. 87)

O contexto nacional exigia um texto engajado, uma tomada de posição – e a opção não só de mãe – como de ser humano – tinha de ser de denúncia contra o torturador. Um clamor contra o desrespeito aos direitos humanos e ao espezinhamento da justiça.

Percebe-se em Rachel de Queiroz um posicionamento bastante prudente com respeito à emancipação da mulher, mas que não se poderia caracterizar como meramente conservador. A mulher deve procurar, sobretudo, ler, aprender, ter uma profissão e, à medida do possível, ser economicamente independente. A própria Rachel de Queiroz enveredou pelo jornalismo, onde procura viver sua vocação política (BRUNO, 1977, p. 121), sabedora das dificuldades de ser escritora profissional no Brasil. Cronista da revista *O Cruzeiro* nunca deixou de escrever, realizando-se, também, como mãe e como avó.

Na crônica “As meninas” (1989, p. 107-108), Rachel de Queiroz expressa como

é difícil às jovens que praticam o sexo livre, engravidarem e recusarem-se a casar, algumas esperando que a mãe crie o filho, outras optando pelo aborto. Não acredita, porém, que aceitem “com plenitude a idéia da simples fornicção lúdica, sem compromisso ulterior”. E Rachel de Queiroz está convencida de que, passada a “fase de descoberta, quase todas caem no velho trilho de *sexo-filho-casamento* “ que, segundo a autora, “é o verdadeiro, porque é o chamado da espécie”. Conclui, perguntando-se, se apesar de todas as “garantias tradicionais”, as meninas naufragavam, o que será das de agora, “que se atiram à correnteza, sem barco nem corda, só dispondo dos braços e do lindo corpo, contra a onda tão funda, tão bruta”.

Rachel de Queiroz, tendo seu nome ligado ao “romance social”, declara uma “tendência natural de mera contadora de histórias, sem ‘mensagem’, nem comentário filosófico, ostensivo ou subtendido”, não acreditando na literatura dita “engajada, que para ela, não passa de “uma forma glorificada de propaganda. Graças a Deus isso nunca fiz” (BRUNO, 1977, p. 121).

4.3. Recepção da recensão de Marilene Felinto sobre Hélène Cixous e Érica Jong

Marilene Felinto não é somente crítica literária e redatora-chefe da revista *Caras*, mas também escritora; portanto, o horizonte de expectativa em relação com um trabalho jornalístico, ainda mais quando publicado em um órgão tão prestigiado como a *Folha de São Paulo*, promete, pelo menos, uma aventura intelectual. Na realidade, a repercussão de suas recensões sobre recentes traduções de obras feministas é impactante.

A articulista “Dra Marta Racha”, em um estilo pouco convencional e cheio de humor, critica a recensão do livro da feminista americana Érica Jong, *O que as mulheres querem*, realizada por Felinto (24-02.01). Ao invés de discorrer sobre o assunto do livro, Felinto teria utilizado o espaço para alardear suas próprias idéias, contra as idéias de Jong, que afinal “só não são consideradas anacrônicas hoje por um certo gueto de feministas de sua geração”. Parece justificar a adjetivação pejorativa criada em torno do substantivo “feminista”, tais como “radicais” ou “desavisadas”, corroborando associações com “masculinizadas”, “ressentidas”, “mal-comidas”. Ainda que Jong, “numa brilhante auto-ironia” termine aceitando que “o feminismo morreu”, “Dra Marta Racha” enfatiza que as conquistas do feminismo (fruto tanto da labuta diária de muitas mulheres anônimas como do empenho das “invejosas do pênis” dos anos sessenta e setenta) tiveram repercussão tal que a sociedade atual ainda discute as “candentes” questões levantadas. Confessa, “sem que [a] torturem”, que ama as feministas, mesmo sem concordar com tudo. Mulheres de todas as idades e classes sociais deveriam aderir ao movimento.

Felinto, em sua recensão da tradução do *Vivre l'orange* (1979), de Hélène Cixous, abre, desde o princípio, o horizonte de expectativa do leitor para uma análise contra o lesbianismo. A argelina de 62 anos publica suas obras na Éditions des Femmes, editora “de obras de mulheres e de literatura lésbica”. Explica, no entanto, pacientemente e mostrando sua erudição, que Cixous é partidária da “*écriture féminine*” (‘escrita feminina’), isto é, “*a mulher escreve com o corpo as pulsões e fruições de sua ‘economia libidinal’ única capaz de se abrir ao outro (numa generosidade que Cixous chamou de bissexualismo)*”. O nível de competência se expande com a citação de Jacques Derrida e sua expressão da “*masculinidade capaz de feminilidade*”. Terminada a introdução, Felinto prossegue com os comentários sobre a obra, da qual somente o terceiro capítulo é escrito “em linguagem inteligível e com cara de crítica literária”. A desconstrução de Derrida (retratada na imagem da laranja) estaria reduzida a um verdadeiro “abacaxi” que “Cixous vai lésbica e paulatinamente descascando”. A habilidade de Felinto com os jogos de palavras (“o livro é um verdadeiro abacaxi (ou uma salada de frutas)”), não mostra nenhum entusiasmo para com expressões inovadoras (de Cixous) do tipo “a cor de seu nome em movimento é evidentemente lispectalaranjado ou ainda como evocar claricamente”. Enfim um trabalho “que não é possível levar a sério” e, pior ainda, “uma invasão parasita” à obra de Clarice “em que todo mundo se sente no direito de meter a mão”. Cixous, acrescenta Felinto, é somente uma entre outras, “um bando de mulheres loucas”. O ápice é atingido ao final quando Felinto, aliviada constata “ainda bem que Clarice morreu antes de ler essa besteirada”. Oferece, “para quem quer seriedade”, o trabalho de Yudith Rosenbaum, *Metamorfoses do Mal - uma leitura de Clarice*, apresentada como tese de doutorado em teoria literária à USP.

Em artigo mais detalhado, Marília Librandi Rocha, mestre e doutoranda em Teoria Literária (USP), escreve para o *Jornal da Tarde* “Todas as odisséias de Clarice Lispector” (9/10/99). Comenta as mais recentes obras sobre Clarice Lispector surgidas no mercado, ou seja, o já mencionado livro, incluindo traduções dos artigos de Cixous, e a tese de Rosenbaum. Rocha fundamenta suas afirmações com citações de vários autores (homens e mulheres) sem esconder o mal-estar provocado pelas observações de Felinto. Assim, não vê a obra de Cixous como uma ofensa à Clarice, mas sim como “um canto de amor”, além de qualificar a análise literária realizada como “extremamente fina e percuciente”. Não esconde o fato de que a maneira de ser e escrever de Cixous correm o risco de serem “mal vistas”. Jacques Derrida, longo companheiro de diálogo da feminista francesa, sustenta que isso ocorre “por razões que, explicitadas, revelariam tudo que, nesse século e nesse país, se proíbe”. Também no Brasil, ainda segundo Rocha, há dessas proibições como a de Felinto, para quem “incorporar e celebrar Clarice é coisa de mulheres loucas”.

Rocha defende uma leitura da autora de *Viver a laranja* “com calma e sem preconceitos”, tarefa nem sempre fácil, pois a voz de Cixous, “antes poeta do que crítica”, vindo do

interior, do inconsciente, é, ao mesmo tempo, “lisérgica e surrealista”. Louva a sua “Santa Loucura”, geradora do “bem-dito”, “politicamente correta, mas explicitamente incorreta frente às convenções do logos, do certinho”. Fica claro que Rocha, ao traçar paralelos entre Cixous e Rosenbaum, não utilizaria as palavras de comparação de Felinto, para quem se trata de uma passagem da “infraliteratura” para se entrar na área da “alta literatura”. O termo “odisséias”, presente no título do artigo de Rocha, remete-se ao conceito de “odisséia negativa”, posto que Rosenbaum situa a obra de Clarice no hiato, no paradoxo entre “mal e bem, bem e mal”, presente nas tramas dos textos, convites a uma travessia, que de forma “sádica e catártica” não perde o seu teor “*bienfaisante*”. O pensamento de Cixous, de indiscutível complexidade, não é tão ingênuo a ponto de defender uma pura feminilidade ou uma pura masculinidade; portanto, o suposto “abacaxi” de Felinto adquire, segundo a “ótica feminina”, o sabor de frutos nunca dantes experimentados.

Uma analogia com Emma Godoy, do México, torna-se inevitável. Em nome das “*señoras decentes*” a exitosa escritora procura propagar a moral cristã advertindo contra o relaxamento dos tabus sexuais e afirmando que “*mujer liberada se está convirtiendo en sinónimo de mujer prostituida*”. Seu conceito de auto-determinação reside no fato de que a mulher deve decidir se quer “*prostitución o espíritu*”: “*Rebajar-se con la muchedumbre o enaltecerse luchando como una heroína contra la corriente... Nunca la liberación de la cintura para abajo, siempre la superación de la cintura para arriba*”. O conflito, no entanto, permanece, pois a mulher não é segundo o modelo de Emma Godoy, **ou** cérebro **ou** útero, mas cérebro e útero. A moral cristã tem sido um suporte valioso para muitas mulheres, mas tem, em muitos casos, contribuído para a destruição de algumas, enchendo-as de complexos de culpa, fazendo-as ver pecados em tudo. A beleza do perdão e a imagem maravilhosa do renascer para uma nova vida não passam muitas vezes de retórica. Os bancos de muitas igrejas (não de todas!) contam histórias de hipocrisia e de dupla moral.

O exemplo da reação da crítica a *Amora* (1989) de Rosamaría Roffiel Franco (*1945), no México, revela, também, como um crítico (Ignacio Trejo Fuentes), fundamentando-se em “*critérios puramente literários*” reduz uma obra de temática abertamente lesbiana a “*un Kitsch escandaloso lleno de obscenidades*”, a “*una caricatura de novela*” (in PFEIFFER 1991, p. 226-227).

Um exemplo da literatura brasileira, talvez menos exacerbado, mas ilustrativo das contingências no estabelecimento do cânone tradicional oferece o polêmico livro *Lésbia* (1890) de Maria Benedita Câmara de Bormann. Guilhermino César, na sua *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*, não encontra palavras de elogio, sustentando que “a esposa do ilustre José Bernardino Bormann” derramou-se “torrencialmente na composição de figuras insatisfeitas, perseguidas pela obsessão da casuística ou da prática amoro-

sa”, afugentando os “leitores púdicos, as almas cândidas, os corações brandos” devido “aos assuntos meio crespos em que se gastou”. Escritora prolífica, porém “superficial”, visava o “êxito fácil” e a efêmera popularidade alcançada “lhe deve ter dado a sensação de glória, que não veio” (CÉSAR, 1956, p. 333-334, in: QUINLAN, 1991, p. 46).

As enormes dificuldades do grupo de lésbicas, durante a ditadura militar, retrata-se no episódio da publicação de vários artigos sobre a condição do grupo no jornal *Lampião* de maio de 1979 (in: MACRAE, p. 245-246). Aguinaldo Silva, o coordenador da edição, omite trechos sobre detalhes do comportamento sexual, receoso de processos judiciais por pornografia. O erótico, freqüentemente confundido com o pornográfico (sinônimo de “sujeira”), procura traçar uma linha entre sexualidade e atividade de reprodução.

Márcia Denser adquire com *Muito prazer* (1980) e *O prazer é todo meu* (1984) a fama de escritora erótica, da qual quer se livrar, porque é “uma escritora e ponto final”. Explica, no entanto, que o erotismo (ou sexualidade transformada em atividade) pertence “aos seres racionais, àqueles que possuem inteligência”, sendo parte “do psicológico, do interior do ser humano” (In: PAIXÃO, 1986, p. 61). Considera que a “qualidade estética é a medida da arte” e que o erotismo é “amoral”, isto é, encontra-se fora ou além ou acima da moral, reiterando que “a parte erótica não tem compromisso com nada, só com o indivíduo” (In: PAIXÃO, 1986, p. 61). Quando uma escritora, na metade dos anos 80, pode escrever sobre o lesbianismo, sendo que vinte anos antes nem se podia falar sobre o tema, celebra-se uma vitória política – e um enorme avanço social. O “patrulhamento” em nome da moral e dos bons costumes, no entanto, não termina com a ditadura militar. Em tempos, já considerados democráticos, Márcia Denser comenta a respeito do seu conto “Ladies first”: “por mais evoluída que seja, ela [a escritora, a pessoa] sente o baque do preconceito” (In: PAIXÃO, 1986, p. 62). A sensação é de se estar fazendo algo proibido, cometendo uma transgressão passível de ser castigada.

Fica demonstrado que as lésbicas ainda não conseguiram atingir o objetivo de mostrar à sociedade que o lesbianismo nem é uma anormalidade nem se reduz a uma relação de caráter sensual. Sem dúvida, “prazer feminino” e “lesbianismo” são termos-tabu. O racional e o emocional se entrelaçam de tal forma que já não há separação. A alteridade prevalece e o indivíduo procura liberar-se. Sem remédio. Constata-se o conflito – e trata-se de um conflito sério. Existe o medo de entrar nesse mundo estranho, proibido e – pecaminosamente – experimentar algum prazer. Existe o medo de elogiar a força poética do outro, de uma minoria da qual não fazemos – nem queremos fazer – parte. No entanto, o ser humano tem o direito de viver a sua sexualidade sem mentiras, sem máscaras. Quando o faz, revelando uma concepção nova diante da vida (ainda que existente desde sempre), é punido.

O mundo intelectualizado pode achar degradante a maneira como Marilene Felinto

fala de Hélène Cixous, mas ela é, provavelmente, porta voz de uma grande maioria. Nada mais justo e vital, portanto, que uma “Dra Marta Racha” dê vazão à sua raiva, à sua incompreensão. Dominada a rejeição inicial, não há outra alternativa senão a busca do diálogo em suas mais variadas manifestações. Tanto na mídia como no campo da crítica literária, no exercício nobre da tolerância, buscar o diálogo para que as controvérsias sejam motivo de aproximação humilde e não de arrogante distanciamento.

Paradoxalmente, não é difícil de imaginar que se Cixous tivesse utilizado um pseudônimo masculino, a recepção teria sido bem diferente. As palavras “E tinha laranja por toda parte, a luz pacífica escorrendo laranja diante de minhas janelas era o meu gozo filosófico” na boca de um homem adquire outra intensidade. Ou, quem sabe, um homem que fala de “laranja”, “voz pacífica”, “gozo filosófico” não é suficientemente macho, é femininamente masculinizado. Contudo, nada deverá deter o escritor (ou escritora) no seu direito de livre expressão, na defesa de uma literatura sem barreiras.

5. Literatura sem barreiras

Considerado um semideus na Grécia Antiga, isto é, um mediador entre os deuses e os homens, Eros passa, na tradição judaico-cortês, a ser demônio. A transformação da noção de Eros através dos tempos reflete a luta entre Deus e o diabo, entre o espírito e a carne, entre o bem e o mal, entre o belo e o feio. Também para Platão é Eros que dá acesso ao mundo das idéias. Na lírica medieval, a mulher vai perdendo a sua corporeidade, tornando-se o espírito divino insuflado no homem. O amor profano (carnal e sensual) ganha, assim, qualidade de amor místico. A mulher é amada enquanto ser inacessível. Valoriza-se a sublimação do erótico, nega-se o corpóreo.

Ao se remeter à obra *De contemptu mundi* (1140) do monge Bernhard von Morlas, Curtius (1993) sugere no capítulo “Eros e moral” (p. 131-134), que o posicionamento de condenação diante do amor e da mulher, em uma época de decadência moral, marcada por vícios (falta de fé, sodomia, orgias eróticas), pode ser observado no decorrer da história da humanidade, chegando a nossos dias.

5.1. Recepção da literatura erótica latino-americana por uma austríaca

A austríaca Erna Pfeiffer (*1953), consciente de que “toda escolha é um risco”, inclui, em sua antologia, poemas eróticos e textos curtos de autoras da América Hispânica.

AMORica Latina (1991) comporta o sugestivo jogo de palavras, resultado da aglutinação entre “amor” e “América”. Uma contribuição valiosa para o fim da mão única entre a metrópole e a periferia. Começa com Delmira Agustini (1886-1914), do Uruguai, e encerra com Lucía Guerra (*1945), do Chile. Guerra questiona em *De espejos y sátiros* as teorias freudianas sobre o “escuro continente da mulher” que da mesma forma que América “foi colonizado, violentado e penetrado (pelo capital internacional)” (PFEIFFER 1991, p. 24).

Pfeiffer (1991) indaga, no prefácio, o porquê das dificuldades de uma professora de literatura impartir um curso sobre a mulher, contendo não os temas praxe referentes ao aborto, divórcio, controle da natalidade, mas sob o signo da Erótica e da Sexualidade. Sempre acaba se impondo a ditadura do cânone tradicional, da “literatura consagrada” com seus “autores consagrados”. Conhecedora dos autores do *boom* que transportaram para a “fria Europa” o “sangue quente” do “paraíso do samba, da salsa e do tango” onde “homens de verdade” ainda sabem como quebrar os corações das mulheres, confessa que lhe é impossível identificar-se com asserções de caráter misógino como “No começo era a cópula, violentar é explicar”, escrita por Julio Cortázar em *Rayuela*. A coincidência quis que em um Congresso de Mulheres em 1987 em Porto Rico lhe fosse dado abrir os olhos para a “ótica feminina”. Ouve, naquele então, Ana Istarú (*1960), de Costa Rica.

Para Istarú a ideologia machista fundamenta-se nas diferenças sexuais e o processo de demitificação só poderá ter lugar através da ampliação do estudo da mulher na manifestação de sua sexualidade, criatividade, passividade ou agressividade (in PFEIFFER, 1991, p. 130-131). A premiada atriz, também formada com louvor em Letras, declama o poema de sua autoria, *La estación de fiebre*. A linguagem direta, inovadora, sem pejo, ao mesmo tempo lúcido e febrilmente apaixonado, desata em Pfeiffer não só o desejo de, rompendo as amarras impostas pela Academia, recorrer ao seu instrumento de trabalho (à pesquisa sistemática), a fim de, munida de um cânone feminista erótico contra-atacar delicadamente com textos, em prosa e em verso, igualmente “irreverentes, subversivos”. Alguns dos versos são aqui destacados:

XII

[...]
Mi clitoris destella
en las barbas de la noche
como un pétalo de lava,
como un ojo tremendo
al que ataca la dicha
al que el placer ataca
e contrataca
con zumos delicados,
enfrecidas salamandras.

El útero olvida
 su suave domicilio. Desata
 las cuerdas del espacio.
 Varón, que te recorre
 mi pubis, fuego y raso.
 [...]
 (in PFEIFFER, 1991, p. 136).

O poema é em forma de manifesto, as reivindicações são feitas na terceira pessoa: um tema tão pessoal como a vida íntima sexual da mulher explicaria uma perspectivização aparentemente distante e impessoal: “*Este tratado apunta*”. “Tratado” é um gênero tradicional da alta literatura, escolhido pelos sábios doutores da ciência e da religião. A quebra de convenções do gênero rompe, de imediato, o horizonte de expectativa, posto que um tratado escolhe a prosa e não verso, além de permitir que um sábio dê mostras de sua erudição em extensos volumes, e não em poucas estrofes. Tratados são, via de regra, escritos por homens de uma certa idade, que condizentes à sua posição social, sabem adotar um tom circunspecto; portanto um poema, e, ainda mais, em tom entre irônico, sarcástico e paródico, promete romper barreiras, provocar.

O poema, em seu caráter de manifesto (anti-tratado), promete outras rupturas e outras provocações. Não só menciona a palavra “*vagina*” como constata que é neste “*rincón apacible*” que se encontra o repositório de “*pudor*” e de “*sueño*”, e ironicamente, de sua “*paz virginal*”. A separação silábica, cortando a palavra “*verdade-*” ao final do verso para transferir o sufixo de modo “*-mente*” para o seguinte deixa implícito neste *enjambement* o jogo dos contrários (entre verdade e mentira) e das ambigüidades, intensificado nos versos seguintes, quando fala de uma mulher verdadeiramente “*inclinada a una casta tensión de la cadera*”. A surpresa das imagens somada a um humor bergsoniano do mecânico une, inesperada e paradoxalmente, a tensão dos quadris à luta de manutenção da castidade. Subversivamente, o recato feminino se dilui em “*cio*” (“*La estación febril*”).

No ataque ao machismo, um dos muitos legados funestos da “*herencia colonial*”, as pontas dos seios se transformam em “*campanitas / de agudísimo hierro*” para romper o tabu da virgindade e das imposições da sociedade patriarcal: rompem o hímen em um ato violento. Com “*militar sigilo*” segue a luta, desta vez para desvendar a alegoria maior que, metaforicamente, compara o “*sexo abierto y rojo*” à “*América encarnada y encendida, / mi “América de rabia, la Central”*”.

No quadro predomina, em termos abstratos, a cor vermelha, a cor intensa da paixão, da raiva, da rebelião contra a “*fálica omnipotência*” exercida tanto pela Igreja (“*Las intenciones puras / de tantos curas*”) como pelo “*novio*”. Ambos reiteram e preconizam em seus discursos

sos, e em seus atos, que a “*dulce mujer latina*” deve conservar-se casta, para a felicidade dos homens e sossego das mães (“*su hija virgen y asexual*”). Em termos concretos, tem-se, por um lado, corpos em elevada temperatura, suados, na descoberta louca de zonas erógenas, imersos no gozo e, por outro, o Continente ensagüentado, espoliado, subjugado, jogado no chão. América e a mulher latina – violentadas – descobrem em sua raiva febril a paixão pelo próprio corpo e as possibilidades igualmente fortes, intensas de “*jouissance*”. A “febre” vulcânica, apaixonada do momento do orgasmo é, finalmente, descrita desde a perspectiva da mulher que, em uma inversão de papéis, transforma-se em dominadora: Não é o falo do homem (“*varón*”) que a penetra mas é o útero que, deixando “*su suave domicilio*”, percorre afogueado o corpo do ser dominado.

5.2. *Informe bajo llave* de Marta Lynch : “*un eros angustioso y triste*”

Dentre os muitos conceitos de ideologia, destaca-se o de Terry Eagleton (1983, p. 14), que relaciona práticas sociais e poder: “*the ways in which what we say and believe connects with the power-structure and power-relations of the society we live in*”. Georg Lukács (1966) acrescentaria que há uma estreita relação entre ideologia e classe social. E segundo Althusser, toma-se pouca consciência da ideologia devido ao seu caráter óbvio e transparente.

Em condições ditatoriais, no entanto, a tomada de consciência contribui, freqüentemente, para intensificar a qualidade de impotência dos oprimidos, condenados à submissão. O romance *Informe bajo llave* (1983) de Marta Lynch é uma antítese da liberdade em tempos ditatoriais. A erótica, a atração heterossexual, a satisfação de desejos ao invés de conduzirem o ser humano – e, em especial, a mulher – à plena realização, nada mais faz que escravizar.

A argentina Marta Lynch (1925-1985), considerada mulher rica e famosa, contava com mais de oito obras publicadas, quando, aos sessenta anos, comete suicídio em seu exílio italiano. Na Espanha *La señora Ordóñez* fora exitosamente apresentada em televisão. Tais dados não contribuem para esmaecer críticas de certa frivolidade, vaidade (com conseqüente medo de envelhecer) e, mais sério ainda, de colaboração com a ditadura militar argentina. Alessanda Riccio (1991), que lhe servira de “*Virgilio en tierras italianas*”, faz uma análise de *Informe bajo llave* (1983) como uma espécie de “psicobiografia”, na qual a autora procuraria lutar contra seus próprios fantasmas do passado através da protagonista principal, no presente (p. 226).

O romance conta a história de Adela, escritora e artista, separada de um homem civilizado e bom, além de mãe de um jovem, com o qual não mantém relações mais profundas.

Um homem poderoso do governo, Vargas, entra em sua vida como admirador de seus livros, envolvendo-a ao ponto de obcecá-la. Procura-a incessantemente, enche-a de carinhos, acende seus desejos, sem satisfazer sexualmente a uma mulher atrapalhada, desesperada, vítima da tortura que o todo-poderoso lhe impugna. O jogo sádico do ditador, do poderoso, emaranha a vítima de tal forma que a destitui da menor força de vontade e capacidade de luta. Não há terapia capaz de desconstruir a trama da obsessão. Só o ato da leitura poderá, talvez, desencadear o efeito catártico não experimentado pela protagonista. Surge a empatia, amplia-se o horizonte, mas nenhum indivíduo pode adivinhar como reagirá diante de uma catástrofe, quando obrigado a viver uma grande tragédia de vida, com suas garras ideológicas e políticas que determinado momento histórico poderá lhe impor.

O “informe baixo chaves” é o diário que Adela, por ordem de seu psiquiatra, o doutor Ackerman, utiliza terapêuticamente para procurar superar o enorme desafio entre a arrogância do poder de Vargas e o erotismo da jovem que, progressivamente, decai física e psicologicamente, presa do terror e da angústia. Qualifica sua tarefa de inútil e descabelada: “*Fuera de usted ¿quién se hará cargo de este informe? ¿Quedará empolvándose, degradándose como mis intimidades, en tanto yo me pudro como el resto de la especie?*” (LYNCH, 1983, p. 199-200). Alessandra Riccio (1991) descreve acertadamente o eros da obra como “*angustioso y triste*”, que longe de produzir felicidade, permite que a morte (Thanatos) ganhe a batalha: “*lo que fuera linda utopía en los míticos años sesenta, la civilización erótica hipotetizada por Marcuse – make love, not war – no tiene cabida en la Argentina de los años setenta.*” (RICCIO 1991, p. 227).

No inexorável caminho em direção à morte e à destruição, a vítima não logra transformar-se em verdugo. Tendo, finalmente, o poder de delatar o esconderijo do amante, não o faz, renunciando à vingança. Um ato de nobreza ou simplesmente o retrato de uma mulher fracassada, cansada de viver e de lutar? Incapaz de renascer, de recomeçar, personificação do “*poder impotente*”, Adela, ao traduzir erroneamente o signo, “*cae en la equivocación y se vuelve impotente para amar; gozar; disfrutar; y recuperar su propia vida de mujer liberada. El poder / Vargas destruye su instinto de vida, su eros, reservándole lo que, para el marqués de Sade, es el destino de la mujer: el de ser ‘como una perra, como una loba’ a la merced de quienquiera que la desee*” (RICCIO 1991, p. 229). Riccio (1991) levanta a possibilidade de que Adela não consegue liberar seu eros reprimido devido, talvez, a uma “*imposibilidad histórica*” (p. 227). O poder que castiga o eros, castiga, ao mesmo tempo, a fantasia que, “*según Freud, es un instrumento cognoscitivo; la única actividad del pensamiento libre del dominio del principio de la realidad, protegida contra alteraciones culturales e intimamente atada al principio del placer*” (RICCIO 1991, p. 227-228).

No mesmo ano de 1983, Christa Wolf, da Alemanha Oriental, escreve *Kassandra*.

Também no velho continente, a literatura escrita por mulheres apresenta-se repleta de histórias não fixadas, e conseqüentemente, perdidas para sempre. Cassandra conta a guerra de Tróia desde a perspectiva da mulher, pois os escritores (homens), preocupados com armas, táticas e prisioneiros, não se detêm em questões de dor, felicidade e amor. Relata seus temores a uma jovem escrava, uma mulher marginalizada como ela, para assegurar a transmissão oral da história. Em um mundo anterior aos psicanalistas, a mulher encontra forças no seu próprio meio, assegurando seu lugar na história da civilização ocidental. Enquanto uma escritora européia retorna aos primórdios da Grécia antiga, sublinhando a primitividade e a força da transmissão oral, uma escritora latino-americana, já sofisticada pelos avanços terapêuticos psicanalíticos do século XX, recorre ao diário. Enquanto Cassandra tudo faz para manter viva e pública a sua história, Adela esconde baixo chave o registro de sua impotência, de seus desejos insatisfeitos. Só os trabalhos de Lynch e de Wolf resgatam aquilo que poderia haver sido.

5.3. Mulher e corporeidade: alegoria do país estéril e repressor

Na celebração dos dez anos do *26 Poetas Hoje*, Chacal ataca Heloísa Buarque de Holanda, afirmando que a obra, já não era mais que “um cocô cheiroso” e que a eminente escritora fizera o livro “para provar a tese que ela queria” (In: BRITO, 1986, p. 98). Vinte e dois anos mais tarde, na reedição, a organizadora vem a relevar algumas das observações que outrora fizera. Ao tomar como base “o humor, a invasão dos fatos insólitos e cotidianos no território literário, a presença de uma dicção trabalhadamente informal no olimpo poético, o desejo renitente de aproximar, com um só golpe de linguagem, arte e vida” acreditara ver nos “subtextos políticos” desta “poesia marginal”, aparentemente ingênua e descompromissada, uma retomada do modernismo de 1922 (p. 260-261). Em busca da unidade, causara a perda do caráter primordial do “dissenso” provocado pelo material que, na realidade, era produzido por um grupo que vivia o dia-a-dia da ditadura, portanto nem o atributo “marginal” se justificava. Sem dúvida, os livrinhos lançados nos bares, nos teatros, na praia se vendiam rapidamente. O artigo era poesia; produtores e consumidores, sobretudo os jovens que, finalmente, encontravam o prazer da leitura e da literatura. A recepção fora mais que polêmica: professores considerados progressistas criticavam a inadequação do “baixo calão do vocabulário”; a poesia alternativa carioca seria “uma manobra da crítica carioca contra o concretismo paulistano”; “estudiosos de impostação aparentemente marxista” viam nesses poemas um reflexo da “piora” da sociedade, agora inexoravelmente controlada por impulsos consumistas” (p. 261-262).

Em “Um estado muito interessante” (p. 93-96), Zulmira Ribeiro Tavares contextualiza o momento histórico. No jogo de palavras, compara o país “muito curioso / e

muito interessante” a uma “mulher em estado interessante”. A mulher grávida surge como uma alegoria da fertilidade e da sensualidade (cheia de sentidos e de sentido); o país repressor, ao contrário, tem um barrigão, é inchado, e conseqüentemente estéril (além de possuir pouco ou nenhum sentido).

A alegoria da “pátria-mãe” se reflete na ironia da “mulher inchada” e na imagem do país “barrigudo”, perdido no governo de generais, homens feios e estéreis. Conseqüentemente, um país incapaz de entrar em trabalho de parto e dar vida aos seus filhos. Paralelamente, o sujeito lírico tenta captar este estado pelos órgãos dos sentidos e a imagem é a de um preso (ou presa) em uma cela escura: “*Conheço o meu país / no escuro – pelo tato. / E se amarram minhas mãos nas costas / conheço pelo cheiro*”.

Outro paradoxo se desfaz em um jogo de palavras com efeito da surpresa de uma piada de humor negro. “Conheço o meu país / mas não o conheço de dentro. / Também não o conheço de fora. / Conheço-o de lado. / Quer dizer que o conheço sem relevo”. Contraditoriamente o país sem relevo é “muito barrigudo”. No jogo de palavras, trata-se de um país *irrelevante*, sem importância, refletido, ao mesmo tempo, no país sem sentido (insignificante) e sem sentidos (incapaz de sentir).

Ao final, o enovelar de aparentes absurdos alcança o auge na ironia maior: “Sem nenhum sentido / meu país teria / a mais perfeita ordem”. E para ilustrar graficamente a contradição da palavra escrita, o último verso abandona a margem do terceto em verso livre, no qual se vinha inserindo, para reforçar a ironia da palavra “ordem”.

O tempo é estático, no presente indicativo de constatações instantâneas, permeado de subjuntivo dubitativo (“e se me amarram as mãos [...]”, “e se me tapam o nariz [...]”, até adquirir um movimento ilusório nos últimos versos com um presente progressivo que, na realidade, é a volta ao ponto de partida – que a ausência de vírgula (“indo estou voltando”) intensifica ameaçadoramente. Portanto, a analogia com a bandeira nacional, símbolo da pátria, e o lema de “ordem e progresso” se transformam sofisticadamente em des-ordem e regresso. A circularidade infinda de um sisifismo inexorável somada à idéia sufocante de atemporalidade impedem o conhecimento desse país e sua história, aniquilando quaisquer vislumbres de esperança no futuro.

5.4. Intimidade feminina como provocação. “prurido do hímen” e “um beijo no ar”

Ana Cristina César, no mini-diário de “Arpejos” (p. 41), executa, em três tempos, um acorde rápido e sucessivo de notas (do cotidiano), na composição de um enredo aparen-

temente banal: o eu lírico pretende dar uma volta de bicicleta até a ponta do Arpoador, mas se vê, inicialmente, impossibilitada devido a um “prurido do hímen”. Passa uma pomada, optando, então, por não sair e dedicar-se à leitura. Recordando uma recepção no dia anterior e como, sem querer, ao virar a cabeça no momento da saudação, faz com que o beijo dirigido à amiga (de nome Antonia) se perca no ar. Finalmente, decide realizar o passeio até a praia.

A linha completa de causalidade só se estabelece após a leitura completa do texto em prosa, sintético, de frases curtas, bem cadenciadas que poderiam ser divididas em versos livres sem rimas. A experiência vivida no dia anterior, só revelada no segundo tempo, concretiza-se como uma idéia que não consegue tirar da cabeça: “Ontem na recepção virei inadvertidamente a cabeça contra o beijo de saudação de Antonia”. As duas protagonistas passaram o resto da noite sorrindo. O incidente, que poderia parecer uma bobagem sem maior importância, ganha significado com a fixação do ocorrido, em particular em associação com o primeiro e o terceiro tempos.

O leitor abre seu horizonte de expectativa para a conotação sexual logo na primeira frase: “Acordei com uma coceira terrível no hímen”. Estabelece-se o clima de desejo sexual não consumado. Sentada no bidê, realiza, com a ajuda de um espelho, um cuidadoso exame do local, confirmando a ausência de “indícios de moléstias”. A preocupação pelo incidente toma, repentina e incompreensivelmente, dimensões desproporcionadas, pois que razões haveriam para as mencionadas “crises agudas de remorsos”? Por que Antonia deveria ter apresentado “signos de decepção?”.

O fato é que o sujeito lírico ensaia tanto a cena diante do espelho que termina acreditando ver nos próprios olhos os olhos da amiga, o que, inexplicavelmente, permanece “inexorável”. Uma visão narcisista do amor ou o desenho de uma comunhão total? A resposta parece estar no primeiro fragmento quando os grandes lábios se metamorfoseiam na “boca de lagarta” de Antonia. Passa uma pomada branca para mascarar os lábios vermelhos, mas não consegue mudar o estado de murchidão do local, evidenciando um certo controle (sem satisfação, sem alegria) do desejo mascarado, mas não vencido. Como compensação para esse amor – provavelmente não correspondido – a bicicleta, metonímia do objeto do desejo – surge, por extensão, como o objeto masturbador compensatório. Seriam os “tendões duros” uma metáfora do tesão feminino? A visão do mar, as luzes dos navios têm um efeito desanuviador, estabelecendo, ao mesmo tempo, o anti-clímax de um enredo que como o beijo, pára no ar, pedindo continuação, encadeamento lógico e um final – negados ao leitor.

Enquanto o espaço de “Um estado interessante” é opressor, kafkaniano, “Arpejos” se caracteriza pelo jogo entre três espaços: o fechado, íntimo do quarto e do banheiro; o espaço pseudamente aberto da recepção, que coage o sujeito a observar normas protocolares,

não permitindo que a sociedade se dê conta de certas tendências (não canônicas); o aberto da paisagem em direção ao Arpoador. A imagem das pernas abertas no bidê e parcialmente abertas sobre o selim revelam a relatividade da liberdade interior, raramente em harmonia com a exterior. Um arpejo decididamente dissonante.

6. O escritor e o outro ou a literatura não muda nada: *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector

Importante é a relação que se estabelece entre o escritor ou o estudioso e seu objeto de estudo. Tzvetan Todorov em *Nous et les autres* (1989) escreve no “Avant-propos” que espera que sua obra ajude a compreender melhor as diferenças entre “nós” como grupo social e cultural e “os outros”, ou seja, aqueles não fazem parte do mesmo. Saber como as coisas “eram” contribui à compreensão de que como “deveriam ser”: “*Non l’un ou l’autre mais au l’un et l’autre*” é a divisa. No capítulo “L’universel et le relatif”, Todorov cita Lévi-Strauss, que adota um dogma moderno, “*d’inspiration paradoxelement antidogmatique: il n’y a pas d’identité, d’essence, de propriétés intrinsèques, mais seulement des interprétations: tout est interprétation, tout dépend du point du vue*” (119).

Clarice, em resposta à pergunta de um jornalista, afirma categoricamente que *A hora da estrela* não altera em nada a ordem das coisas: “Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada” (*Shalom* 1992, p. 68, in: MARTINS 1996, p. 204). Nesse sentido, o narrador-autor, nas últimas linhas do romance, ao “acender um cigarro e ir para casa” possivelmente revele não só o prazer da tarefa terminada ou voltar à normalidade, dando prosseguimento à boa vida burguesa, como também a resignada constatação de que tudo, na realidade, permanece igual. Apesar de reiterada simpatia e solidariedade pela protagonista, deixa escapar exclamativa confissão: “Que alívio não ser Macabéa!”. Passagens, permeadas pela ambigüidade, refletem a dificuldade de definição do papel do escritor diante de questões metafísicas e políticas.

Em *A Hora da Estrela* (1977), o monstro da repressão desperta espíritos angelicais da subversão criativa, protegendo o artista em sua atividade criadora. A tese de Roberto DiAntonio (1989) que, ao contrário de Eduardo Portela, não faz uma leitura da obra como “a alegoria da esperança possível”, vendo, ao contrário, “*little hope, either from a religious, philosophical, or sociological perspective*” (p. 168), merece algumas reflexões adicionais.

A narrativa vai tecendo três linhas, ou melhor estórias: 1. a de Macabéa, imigrante nordestina no Rio, pobre, inocente e má datilógrafa, que tem o seu momento de estrela – vaticinado por madame Carlota – no momento em que, ironicamente é atropelada por um

carro importado; 2. a do Autor (narrador que se dá a conhecer como Rodrigo S. M.) que faz seus comentários e sofre com a protagonista principal, sem fazer parte da intriga; 3. a do processo de criação, do ato literário. A metaficcionalidade e a pragmática do texto vai envolvendo o leitor, a quem, como se lê na “dedicatória” cabe dar continuidade, pois “trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta”.

Ademais, há um jogo com o eterno retorno quando se lê, na primeira linha que “tudo no mundo começou com um sim”, e o romance termina com um simples “sim”. Intensifica-se o caráter de atemporalidade em detrimento do histórico, emprestando à estória de Macabéa um caráter universal, isolando-a do contexto condicionante de sua pertinência de classe, o que, desde uma perspectiva marxista, seria interpretado, como sendo próprio dos interesses da classe dominante que persegue “permanência e não mudança”.

A estrela da democracia, da liberdade e da justiça que um dia poderá, quem sabe, vir a brilhar, cintila tão tênue que parece morrer com a protagonista principal. Fica a denúncia do reino desse mundo, do Brasil da ditadura militar e da opressão do capital estrangeiro, com imagens, sabores, cheiros tão atraentes e tão caros, costumes imitados grotescamente. Um mundo inalcançável como uma estrela. Resta o consolo andradiano (e extra-textual) de que a jovem nordestina, ao morrer, como Macunaíma vai ser estrela no céu, destino dos brasileiros. Ou ser parte do universo cósmico, a que aspira nostalgicamente o ser humano.

Na história de Macabéa, a autora fala do destino dos humilhados e ofendidos que, de repente, se perguntam “para que lutar?” (p. 40). Do ponto de vista feminista, a história de Macabéa é triste porque, em meio a muitos outros fatores, se trata de uma mulher que fracassa porque não consegue casar. Rosario Castellanos, a famosa escritora mexicana, conhece o drama: “*No se elige ser soltera como una forma de vida sino la expresión ya lo dice, se queda uno soltera; esto es, se acepta pasivamente un destino que los demás nos imponen. Quedarse soltera, significa que ningún hombre consideró a la susodicha digna de llevarsu nombre ni de remendar sus calcetines*” (in: Ruth W. Diggie, 1973, p. 8).

A economia de informações intensifica o sentimento de perigo pairado no ar, mesmo que a ditadura militar não seja mencionada de forma direta, explícita em nenhum momento: “Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública” (p. 8). O tempo é de silêncio opressor (“Os sinos badalavam mas sem que seus bronzes lhes dessem som”, p. 8). Sempre sob o signo de “palavra é ação” (p. 21), o narrador participa ao leitor, no meio da narrativa, algo que deveria estar no começo: “esqueci de dizer que tudo o que estou agora escrevendo é acompanhado pelo ruflar enfático de um tambor batido por um soldado. No instante mesmo em que eu começar a história – de súbito cessará o tambor” (p. 29). É como se estivesse escondendo um segredo, protegendo-se a si e ao receptor (que cúmplice já não pode escapar), procurando dificultar o trabalho da censura e do repressor.

À imolação do cordeiro (não é insignificante que Macabéa seja um nome do Velho Testamento) une-se, parodisticamente, a duas passagens do Novo Testamento. O “Sim” pronunciado ao final remete para a cena da anunciação (o “*Fiat!*”, “Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”, Lucas 1, 38) e para a paixão de Cristo: o filho se submete à vontade do Pai.

A virgem não diz sim ao Anjo do Senhor, mas a um “anjo louro” que, ironicamente, é um anjo moderno da morte. Um alemão em carro alemão. Não seria exagerado interpretar no plano simbólico-alegórico que se trata de uma representação de um holocausto moderno. O assassinato de seis milhões de judeus ocorreu com a simplicidade de um acidente de carro numa rua do Rio de Janeiro. Como em tantos outros casos, o motorista não se dá ao trabalho de socorrer a vítima. Talvez sinta-se um pouco irritado com o carro sujo (ainda que sujo de sangue). Ao menos conserva as mãos limpas e o episódio logo estará apagado da mente, da história. Existiu verdadeiramente?

Enquanto a entrega da mãe de Jesus ao Espírito Santo é absoluta, discutem muitos teólogos, escritores e cineastas se a atitude de Jesus perante o Pai não seria de pura revolta, de acusação e não de obediência e aceitação: “Deus meu, Deus meu, por que me abandonastes?” (Mateus 27, 46). A passividade de Macabéa durante a vida não se transforma em raiva ou rebeldia perante a morte. Ela simplesmente sofre. Como se não fora o bastante. O grito, se houve, foi de dor e não de reivindicação pelo direito de paz, justiça e dignidade no reino deste mundo. Por um momento, o narrador acredita que pode (ou até deve) interferir no destino da personagem, mas percebe que não pode mudar nada. A história segue inexoravelmente o seu curso. Contudo, há uma clara tomada de partido pelo mais fraco, pelos pequeninos: “O que eu queria dizer é que apesar de tudo ela pertencia a uma raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito o grito” (p. 90-91).

A fruta escolhida (pelo narrador) não é a cereja revolucionária do “*Temps de cérisés*”, mas o morango que, bela e estrangeira, tem a cor e o sabor de sangue. O herói Olímpico nada tem da beleza e da força dos heróis gregos e está longe demais para socorrê-la, e quem sabe, mesmo se estivesse perto, assumiria o papel de herói? Macabéa, apenas uma mulher entre tantas outras e tão pouco atraente, nunca lhe terá interessado verdadeiramente. Vai perseguindo a sua Glória (tanto a mulher como a fama) que “tinha um traseiro alegre e fumava cigarro mentolado para manter um hálito bom” (p. 74). A analogia à influência dos Estados Unidos é óbvia não só nos cigarros, como no mentol e aos comerciais americanos que usam e abusam da expressão “you have bad breath”. Mas o pensamento de Macabéa não se dirige ao namorado que a abandonou. Na morte, ironicamente, Macabéa vai (provavelmente), uma vez mais, gozar aquela sensação experimentada quando as quatro Marias foram trabalhar: “ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão” (p. 49).

A possível analogia com o Sermão da Montanha de que bem aventurados os pobres de espírito, os humildes porque deles será o reino do Céu não neutraliza o gosto amargo de fel e vinagre do corpo sangrando no chão. “Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre” (p. 98). A esperança existe somente para aqueles que vêm na vida depois da morte a bem-aventurança total. E no mercedes amarelo que atropelou a menina que gostava de tomar coca-cola, “o refrigerante mais popular do mundo” (p. 30), e que queria parecer-se com Marilyn Monroe (p. 74), encontra-se um louro estrangeiro de nome Hans. Por que socorrer uma vítima que em termos de rentabilidade em face da economia mundial é equivalente a um “parafuso dispensável” (p. 36)?

7. Considerações finais

Em meio a polêmicos anos de luta pelos direitos da mulher, surge uma crítica literária feminista que tem conquistado o respeito do meio acadêmico. Paralelamente, observa-se que a crítica literária e a mídia (e não só a escola) defendem critérios judicatórios, distinguindo, supostamente, o que é “nobre” do que é “desprezível”, estimulando exatamente o que Curtius considera prejudicial para o estudo da poesia. Não há gêneros infraliterários, mas sim o direito à livre expressão: um processo misto de dor e de prazer que a mulher escreve com seu corpo, revivendo o conceito da luta entre os impulsos eróticos e a morte – com soluções de continuidade. É louvável que trabalhos literários não sejam monopólio das universidades, mas qual a responsabilidade do profissional dos meios de comunicação? Não somente demonstrar competência, mas também contribuir para um maior espírito de tolerância na sociedade. Ou não?

Atrás de uma idéia, posicionamento ou julgamento de valor esconde-se sempre uma ideologia: os grandes não admitem críticas, os consagrados não querem cair de seus pedestais e a mulher mais doce, sedutora e amada é aquela que sente prazer no seu papel de escrava. Direitos da mulher – inclusive o de auto-determinação – são, freqüentemente confundidos com libertinagem; a beleza da erótica, segundo a conveniência das classes dominantes, perverte-se em pornografia.

Talvez a questão da ausência do “compromisso ulterior” seja a mais séria de todas. Trata-se da imagem paradoxal predominante em todos os tópicos: desde a Academia Brasileira de Letras até Macabéa. Os imortais desfrutam de seus quitutes, o país estéril não se preocupa com seus cidadãos, uma jovem nordestina é atropelada e deixada para trás, e até o narrador – cético e resignado – parece, sobretudo, estar preocupado com a recompensa material do seu trabalho. Que naufraguem os outros! Eu me sinto seguro, feliz, realizado e emancipado no meu iate.

E por tudo isso e por muito mais é necessário que haja o diálogo e se multipliquem as polêmicas. Talvez um dia o pensamento de Todorov se torne realidade e não seja uma questão do “eu ou o outro” mas do “eu e o outro”. A literatura escrita por mulheres e a crítica literária feminista encontram-se diante de novos desafios. Ao menos nesse campo, as distâncias entre o velho e o novo continente poderiam encurtar-se cada vez mais, sem que, para tanto, fossem necessários outros tristes séculos, de histórias perdidas.

Referências

- ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. “Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: NOVAIS, Fernando A.. *História da vida privada no Brasil; 4*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998. p. 319-409.
- ASHKROFT, Bill, GRIFFITHS, Gareth; TRIFFIN, Helen (1989). *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literature*. London : Routledge, 1989.
- ASTELARRA, JUDITH. ”El feminismo como perspectiva teórica y como practica política”, In: Teoria feminista (selección de textos). Santo Domingo : CIPAF, 1984. p. 39-68.
- BEAUVOIR, Simone. *Le Deuxième Sexe*, 2 vols., Paris, p. Gallimard, 1949.
- BERQUÓ, Elza. “Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica”. In: NOVAIS, Fernando A.. *História da vida privada no Brasil; 4*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998. p. 411-438.
- BÍBLIA SAGRADA. Trad. da vulgata e anotada pelo Pe. Matos Soares. 17. ed. São Paulo: Editoras Paulinas, 1964.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BRITO, Antônio Carlos de (Cacaso). “Você sabe com quem está falando? (as polêmicas em polêmica)”. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de et al. *Revista do Brasil 5*, Rio de Janeiro: Departamento de Cultura da Secretaria de Ciência e Cultura, 1986. p. 98-103.
- BRUNO, Haroldo. *Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1977.
- CÉSAR, Ana Cristina. “Arpejos”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro. Aeroplanos Editora, 1998. p. 143.
- CIXOUS, Hélène. *Viver a laranja (Vivre l'orange)*. Paris. Éditions des femmes, 1979 ; trad. Rachel Gutiérrez. In: *A hora de Clarice Lispector*. Exodus, 1999.
- COUTINHO, Sonia. “Ficção / mulher anos 80”. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de et al. *Revista do Brasil 5*, Rio de Janeiro. Departamento de Cultura da Secretaria de Ciência e Cultura, 1986. p. 54-57.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*. 11. ed. Tübingen / Basel: Francke Verlag, 1993.

DiANTONIO, Robert E. „Clarice Lispector’s A hora da estrela: The Actualization of Existential, Religious, and Sociopolitical Paradoxes“. In: _____. *Brazilian fiction: aspects and evolution of the contemporary narrative*. Fayetteville / London : The University of Arkansas Press. 1989. p. 155-174.

DIGGLE, Ruth W. *El lenguaje, medio de liberación en la obra de Rosario Castellanos*. Tesis. México : UNAM, 1973.

EAGLETON, Terry. *Literary Theory: An Introduction*. Oxford : Blackwell, 1983.

FELINTO, Marilene. Recensão da tradução de *Vivre l’orange* (1979) de Hélène Cixous. Suplemento Literário “Mais”, *Folha de São Paulo*, (5.9.99). www.secrel.com.br/poesia/mfelinto.html

FELINTO, Marilene. Recensão da tradução de *What do women want?* de Érica Jong. *Folha de São Paulo*, Suplemento Literário “Mais” (24.02. 01).

FRANCO, Jean. “Apuntes sobre la crítica feminista y la literatura hispanoamericana.” In: *Hispanérica* 45, 1986. p. 31-43.

_____. *Plotting Women. Gender and Representation in Mexico*. New York : Columbia University Press, 1989.

GALSTER, Ingrid. “Aspekte der Feminismuskussion in Hispanoamerika”. In: BIHLER, Heinrich et al.. *Ibero-Romania* 45. Tübingen : Niemeyer, 1997. p. 99-113.

GONZÁLEZ, Patricia Elena e ORTEGA, Elena (orgs.). *La sartén por el mango*. Rio Pedras, Puerto Rico : Ed. Huracán, 1984 (Akten Kongress Amherst College 1983).

GUERRA-CUNNINGHAM, Lucía. “Las sombras de la escritura. Hacia una teoría de la producción literaria de la mujer latinoamericana”, In: Vidal (1989. p. 73-83).

HERLINGHAUS, Hermann; WALTER, Monika (orgs.). *Postmodernidad en la periferia*. Enfoques latinoamericanos de la nueva teoría cultural. Berlin : Astrid Lang Verlag, 1994.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro. Aeroplanos Editora, 1998.

HUTCHEON, Linda. *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. New York & London : Routledge, 1988.

IRIGARAY, Luce. *Ce sexe qui n’en est pas un*. Paris: Éditions Minuit, 1977.

_____. *Le speculum de l’autre femme*. Paris: Éditions Minuit, 1977.

Jauß, Hans Robert. «Der literarische Prozeß des Modernismus von Rousseau bis Adorno». In: Herzog, Reinhart e Koselleck, Reinhart (orgs.). *Epochenschwelle und Epochenbewußtsein*. Muniquep. Wilhelm Fink, 1987. p. 243-268. (Poetik und Hermeneutik XII).

JL. “Escândalo no Prémio Camoes”. Terça -feira, 6 de julho de 1993. p. 3-5.

JONG, Érica. *O que as mulheres querem*. (ing. *What do women want?*; trad. Lourdes Menegale). Record, 1999.

- KRISTEVA, Julia. *La révolution de la langage poétique*. Paris : Seuil, 1974.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “Introduction à l’oeuvre de M. Mauss”. In: MAUSS, Marcel. *Sociologie et Anthropologie*. PUF, 1950.
- _____. *Le Regard éloigné*. Paris : Plon, 1983.
- LIBRANDI, Maria. “Todas as odisséias de Clarice Lispector”. *Jornal da Tarde*, 09.10.1999.
- LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*, Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1961.
- _____. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro : Francisco Alves Editora, ¹1977, ²²1993.
- LOBO, Luiza. “Women writers in Brazil today”. In: *World Literature Today*. Norman : Oklahoma, 1981. p. 49-54.
- LYNCH, Marta. *Informe bajo llave*. Editorial Sudamericana: Buenos Aires, 1983.
- LYOTARD, Jean-François. *La condition postmoderne: rapport sur le savoir*. Paris : Seuil, 1979.
- MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. São Paulo : Editora da UNICAMP, 1990.
- MARCUSE, Herbert. *Eros and civilization. A philosophical inquiry into Freud*. Boston, 1955.
- MARTINS, Gilberto Figueiredo. *As vigas de um heroísmo vago: três estudos sobre A maçã no escuro*. Dissertação de Mestrado em Letras. São Paulo : USP, 1996.
- MOI, Toril. *French Feminist Thought. A Reader*. Oxford : Basil Blackwell, 1987.
- MORA, Gabriela; HOOFT, Karen S. Van. *The Theory and Practice of Feminist Literary Criticism*. Studies in Literary Analysis. Ypsilanti, Michigan : Bilingual Press / Editorial Bilingüe, 1982.
- MOREIRA, Ubirajara Araujo. “Adélia Prado: uma poética da casa”. *Uniletras*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, dezembro de 2000. p. 81-103.
- PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. “Hedonismo e literatura de mulheres no Brasil”. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de et al. *Revista do Brasil 5*, Rio de Janeiro. Departamento de Cultura da Secretaria de Ciência e Cultura, 1986. p. 57-65.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.
- PFEIFFER, Erna. *AMORica Latina. Mein Kontinent – mein Körper*. Erotische Texte lateinamerikanischer Autorinnen. Wien : Wiener Frauenverlag, 1991.
- PORTELLA, Eduardo. “O grito do silêncio”. In: LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984. p. 9-13.
- QUEIROZ, Rachel de. “As meninas”. In: _____. *Obra reunida 5*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1989. p. 106-108.

QUINLAN, Susan Canty. *The Female Voice in Contemporary Brazilian Narrative*. New York : Peter Lang Publishing, 1991.

RACHA, Dra Marta. “O feminismo morreu (mas eu não vou pro enterro)”. In: MiX Brasil - Cio. www2.uol.com.br/mixbrasil/cio2000/dramarta/feminismo/htm

RICCIO, Alessandra. “Eros y poder en *Informe bajo llave* de Marta Lynch”. In: *Escritura*, Jan.-Dec. 16 (31-32), 1991. p. 223-229.

RICHARD, Nelly. *Masculino / femenino. prácticas de la diferencia y cultura democrática*. Santiago de Chile : Ed. Francisco Zegers, 1993.

ROCHA, Marília Librandi. “Todas as odisséias de Clarice Lispector”. In: *Jornal da Tarde* (9/10/99). [www.mailto:%20marilialibrandi@uol.com.br](mailto:%20marilialibrandi@uol.com.br)

ROSENBAUM, Yudith. *As metamorfoses do mal*. São Paulo : Edusp / Fapesp, 1999.

SCHWARZ, Roberto. *Seqüências brasileiras*. São Paulo. Companhia das Letras, 1999.

SOUZA, Nelson Mello e. *Modernidade: desacertos de um consenso*. Campos : Editora da UNICAMP, 1994.

SPILLER, R.. “Cono Sur (La-Plata-Staaten, Paraguay) : Terror und seine Verarbeitung in der Literatur”. In: Rössner, M. (org.). *Lateinamerikanische Literaturgeschichte*. Stuttgart : Metzler. 1995. p. 466-481.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária – polêmicas, diários, retratos*. Rio de Janeiro : Zahar. 1985.

TAVARES, Zulmira Ribeiro. “Um estado muito interessante”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro. Aeroplanos Editora, 1998. p. 93-96.

TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, ¹1973, ¹⁶1985.

TODOROV, Tzvetan. *Nous et les autres*. La réflexion française sur la diversité humaine. Paris: Éditions du Seuil, 1989.

TRABA, Marta. “Hipótesis sobre una excritura diferente”. In: González / Ortega (1984).

VIDAL, Hernán (orgs.). *Cultural and Historical Grounding for Hispanic and Luso-Brazilian Feminist Literary Criticism*. Minneapolis : Institute for the Study of Ideologies and Literature. 1989.

WOLF, Christa. *Kassandra*. Frankfurt am Main: Sammlung Luchterhand, 1983.